

MANOEL MESSIAS MORAES DA COSTA

**A INFLUÊNCIA DO TERRITÓRIO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
NA OBRA *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR**

CURITIBA

2011

MANOEL MESSIAS MORAES DA COSTA

**A INFLUÊNCIA DO TERRITÓRIO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
NA OBRA *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do Grau de Mestre ao curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIDRADE.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristiane Busato Smith

CURITIBA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

MANOEL MESSIAS MORAES DA COSTA

A INFLUÊNCIA DO TERRITÓRIO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE À LUZ DE A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dra. Cristiane Busato Smith (Orientadora - Uniandrade)



Prof. Dr. Benedito Costa Neto Filho (UniCuritiba)



Prof. Dra. Eunice de Moraes (Uniandrade)



Curitiba, 28 de julho de 2011.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus e destacar algumas pessoas que foram essencialmente importantes nesta jornada. Diversas pessoas colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, com sugestões, ideias, críticas e opiniões. Outras contribuíram com amizade, carinho e afeto, talvez os ingredientes mais importantes para um bom trabalho. Temendo esquecer alguém, agradeço a todos que conviveram comigo nestes últimos dois anos.

A minha esposa Elizabete e a meus filhos, Gabriela e Anthony, pela convivência diária e pelo carinho. Só vocês podem aguentar meus fins de semana de trabalho.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Cristiane Busato Smith, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

A minha coorientadora, Prof^a Dr^a Verônica Daniel Kobs, pelo apoio dado ao longo destes anos. Orientadora não é uma chefe, é uma colega em quem você confia e que está sempre pronta para nos ajudar nos momentos difíceis. Ainda bem que tive uma colega fantástica.

Ao Prof. Dr. Benedito Costa Neto Filho, por aceitar participar da banca e dar contribuições significativas que, na medida da minha capacidade, foram incorporadas.

À Prof^a. Dr. Eunice de Moraes, que generosamente aceitou participar da banca e também contribuiu para sua forma final, apesar do pouco tempo para a leitura.

A todos os professores do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade, que sempre, com seus conhecimentos e orientações, ajudaram imensamente para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Aos meus familiares, que sempre me deram amor e força, valorizando meus potenciais.

A todos os meus amigos – ao Edilson em especial – e amigas que sempre estiveram presentes me aconselhando e incentivando com carinho e dedicação.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta dissertação de mestrado.

ENCONTROS COM CLARICE

“O primeiro contato com um texto de Clarice teve um enorme impacto sobre mim. Era o conto ‘A imitação da rosa’ e eu ainda morava em Santo Amaro. Fiquei com medo. Senti muita alegria por encontrar um estilo novo, moderno – eu estava procurando ou esperando alguma coisa que eu ia chamar de ‘moderno’, que eu já chamava de ‘moderno’ – mas essa alegria estética (eu chegava mesmo a rir) era acompanhada da experiência de crescente intimidade com o mundo sensível que as palavras evocavam, insinuavam, deixavam dar-se. [...]. Agradeço a Rodrigo, meu irmão, sempre tão bom, esse encontro. Ele me deu uma assinatura da revista *Senhor* onde eu li esse e outros textos de Clarice. [...]. Ler Clarice era como conhecer uma pessoa. Em 66, quando cheguei no Rio para morar e tentar trabalhar, o José Wilker me deu o telefone dela. Uma noite, na presença de Torquato Neto e Ana, então sua mulher, decidi ligar. Clarice atendeu imediatamente, como se estivesse esperando a chamada. Não demonstrou nenhuma estranhez e falou comigo como se já nos conhecêssemos e tivéssemos estado conversando habitualmente todas as noites. Voltei a ligar para ela muitas vezes. [...]. Eu estava no meio de uma quase multidão que lotava a sala de espera do palácio quando senti um tapinha no ombro e ouvi a voz inconfundível: ‘Rapaz, eu sou Clarice Lispector.’ [...]. O nosso encontro pessoal teve afinal um gosto de desencontro e quantas vezes eu já lamentei ter deixado a impressão de que meus telefonemas tinham sido uma irresponsabilidade.”

(Caetano Veloso)

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	8
1.1 IDENTIDADES TERRITORIAIS.....	22
1.2 DESTERRITORIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO	35
2 SOBRE A HORA DA ESTRELA	44
2.1 A AUTORA E SUA OBRA.....	44
2.2 O NARRADOR	51
2.3 ENREDO	58
2.4 MACABÉA: A PERSONAGEM PRINCIPAL.....	63
2.5 OLÍMPICO DE JESUS: UM CASO DE AMOR.....	68
2.6 GLÓRIA, A CONCORRENTE	71
2.7 MADAMA CARLOTA: A CARTOMANTE	73
3 MIGRAÇÃO E REGIONALISMO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR	76
3.1 AS MIGRAÇÕES INTERNAS	79
3.2 CAUSAS DAS MIGRAÇÕES	80
3.3 CONSEQUÊNCIAS DAS MIGRAÇÕES	89
3.4 A ALTERAÇÃO DA SITUAÇÃO DE TRABALHO E O PRECONCEITO COM O NORDESTINO	92
3.5 MACABÉA E SUA INCLUSÃO – EXCLUSÃO NA SOCIEDADE URBANA	97
3.6 REGIONALISMO E IDENTIDADES REGIONAIS	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

RESUMO

Neste trabalho abordamos a influência do território na formação da identidade do sujeito. Elaborado a partir da perspectiva dos referenciais teóricos da Literatura e da Geografia Cultural e tendo como referência o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, este estudo tem como objetivo aprofundar o debate sobre território, identidade e migração. A dissertação tenta mostrar o contexto das sociedades contemporâneas, permeadas por momentos advindos do processo de globalização, razão pela qual passou-se a conferir à diversidade cultural ampla valorização. Esse cenário tornou oportunas as análises literárias que buscam potencializar os recursos culturais e sociais, resultando na reconstrução da identidade. Busca-se também abordar tal processo considerando a migração como elemento constitutivo da identidade do território e que procura enfatizar a obra *A hora da estrela* como método de reconhecimento e identificação territorial. O método utilizado foi a análise de conteúdo, que, por sua vez, permitiu a aplicação de conceitos que integram o referencial teórico que abrange estudos dos seguintes autores: Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Antony Giddens, Edward Thompson, Paul Claval, Milton Santos, Paul Singer e Rogério Haesbaert. Utilizando os ensinamentos desses estudiosos na análise do romance de Clarice Lispector, concluiu-se que do panorama de mudanças sociais e institucionais avassaladoras, abordadas neste trabalho, emerge uma sociedade complexa e diferenciada, em que diversos grupos minoritários buscam seu espaço social e geográfico, sua originalidade, sua identidade social e cultural, opondo-se à padronização do mundo globalizado.

Palavras-chave: Território. Identidade. Migração. Globalização. Regionalismo.

ABSTRACT

In the present work we approach the influence of territory upon the formation of the subject's identity. Elaborated from the perspective of the theoretical references of Literature and Cultural Geography, and having as its reference Clarice Lispector's novel *The Hour of the Star*, the present study takes aim at deepening the discussion about territory, identity and migration. The essay tries to show the context of contemporary societies, permeated by moments proceeding from the globalization process, reason for which cultural diversity has been given an ample valorization. This scenery has made opportune the literary analyses that aim at increasing the cultural and social resources, resulting in the reconstruction of identity. We also try to broach such a process considering migration as a constitutive element of the territory's identity and trying to emphasize the work *A hora da estrela* as a method of territorial recognition and identification. The adopted method was the analysis of the content, which permitted the application of concepts integrating the theoretical references that embrace studies of the following authors: Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Anthony Giddens, Edward Thompson, Paul Claval, Milton Santos, Paul Singer and Rogerio Haesbaert. Using the teachings of these scholars in the analysis of Clarice Lispector's novel, we drew the conclusion that from the landscape of overwhelming social and institutional changes approached in the work emerges a complex and differentiated society in which several minority groups search their social and geographical space, their originality, their social and cultural identity, opposing themselves to the standardization of the globalized world.

Key words: Territory. Identity. Migration. Globalization. Regionalism.

INTRODUÇÃO

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.

Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

(Clarice Lispector)

De maneira geral, a ideia de “ser” relaciona-se a um contexto. A tendência é sempre tentar situar o objeto ou o sujeito em determinado espaço, para referenciá-lo de alguma forma. Isto é, é necessário atribuir ao “ser” um “estar”. Ao realizar esse procedimento cria-se um “espaço/lugar” com o qual o sujeito ou o objeto será associado. Genericamente, pode-se definir, a partir desse pressuposto, que “o espaço é esse conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema variável de relações” (SANTOS, 2001, p.67).

O espaço encenado num romance pode ser apreendido de duas maneiras: pela sua relação com o espaço “real”, do qual foi decalcado, e por suas funções no interior da obra em que foi composto. Dependendo do gênero ficcional no qual a personagem é posicionada, podemos representar um espaço/lugar físico (geográfico), temporal (histórico), relacional (social), existencial (psicológico), expressivo (de linguagem), mas todos eles compostos de procedimentos e uma precisão tal que dão a impressão de realidade. “Os lugares do romance podem ‘ancorar’ a narrativa no real, dar a impressão que eles o refletem” (REUTER, 1996, p. 59), pois o efeito de real está mais diretamente ligado à representação textual desse espaço/lugar que a própria realidade, que dá origem ao ficcional. Desta forma, as funções dos espaços/lugares numa obra podem ser múltiplas. Dependendo da construção espacial produzida pelo autor, os lugares no romance se organizam,

formam sistemas e produzem sentido. São eles que, frequentemente, delimitarão os campos dos personagens (etapas de suas vidas, a ascensão ou degradação social, raízes ou lembranças). “Eles podem caracterizar por metonímia [...] ou simbolizar tal *status* ou tal desejo. Eles facilitam ou dificultam ações, diálogos ou descrições.” (REUTER, 1996, 61). Para Santos, o espaço da personagem na narrativa seria:

Um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como - ou seja, em relação a quem – esse algo está. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 68).

A partir dessa noção é que serão analisadas, nessa pesquisa, as influências do espaço/lugar na formação das identidades das personagens do romance *A hora da estrela* – especialmente de Macabéa, a protagonista – da escritora neomodernista Clarice Lispector. Para tanto, em um primeiro momento desta dissertação, o objetivo será abordar os conceitos de território, de desterritorialização e sua relação com a identidade. Serão tomadas, como suporte, as teorias que advêm dos Estudos Culturais, da Teoria da Literatura e da Crítica Literária Contemporânea. Utilizar-se-á autores como Paul Claval, Milton Santos, Paul Singer, Rogério Haesbaert, Yi-Fu Tuan e Edward Relph, para fundamentar a questão referencial do espaço – território/lugar - dentro dos estudos da geografia cultural; Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Homi Bhabha e Antony Giddens, para referenciar a perspectiva dos Estudos Culturais; Gaston Bachelard, Maurice Blanchot, Yves Reuter e Luis Alberto B. Santos, para as teorias do espaço literário e, por fim, Maria José Somerlate Barbosa, Márcia Lígia Guidin e Olga de Sá, como especialistas na

obra de Clarice Lispector. Além desses autores, outros contribuirão, dentro das suas especificidades.

O ponto de partida será o conceito de território, como categoria principal, analisado como a base das relações sociais e como elemento que influencia a modificação das mais diversas identidades. Nas migrações, por exemplo, o território ganha ênfase, nos momentos da partida e da chegada, que se relacionam respectivamente ao abandono de uma região onde determinada cultura predomina e ao choque com outros hábitos e costumes típicos do lugar de chegada. Conforme Vargas (2006), o território participa efetivamente da construção histórica da identidade do povo que nele vive, definindo e absorvendo suas características, hospedando o espaço vivido e o espaço a se viver. Conceitualmente, a ideia de território é vista como um espaço de articulação, de negociação, de mediação e de conjugação, para onde confluem as ações e que abarca certos aspectos objetivos e subjetivos das relações que nele se celebram. Nesse sentido, grande parte das práticas sociais precisa do território para se materializar.

Outro conceito é o da territorialidade, uma categoria de análise derivada da de território, que é a concretização do processo de produção espacial em lugares específicos. A desterritorialidade, como um processo inverso, para muitos surge como fruto da globalização e da compressão tempo-espaço. A identidade territorial também é utilizada para explicar a importância da relação de indivíduos ou grupos com o território, razão pela qual o sentimento de pertencimento é elemento fundamental para a construção das territorialidades.

Por outro lado, no campo da teoria da percepção da paisagem da geografia cultural, pode-se perceber uma relação intrínseca com a literatura podendo-se utilizar desses conceitos para aplicar nas análises espaciais literárias, pois a inter-

relação entre espaço geográfico e representação literária tem despertado o interesse de pesquisadores ávidos por descobrir novas possibilidades de leitura da “paisagem” no texto literário. Dentro dessa corrente, de sua aproximação com a fenomenologia, é que surgirão os conceitos “topofilia” e “topofobia” oriundos da geografia humanista, os quais irão se tornar base para muitas questões e temas suscitados pelos estudiosos e que posteriormente serão retomados e aplicados na análise de *A hora da estrela*.

Na obra de Clarice Lispector, a nordestina Macabéa vive uma relação tensa com a cidade do Rio de Janeiro, sobre a qual ela não consegue construir de maneira completa o sentimento de pertencimento. A inter-relação de sentimento e lugar, ou da natureza do sentimento e do “arquivo” de lembranças afetivas é aquilo que Bachelar e Yi-Fu Tuan chamam de “topofilia”. Nela, os processos de territorialização e desterritorialização estão em constante disputa. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro, como território, revela uma trama de categorias múltiplas e diversas, que interagem para se traduzirem em diferentes adjetivos, de acordo com a vontade do narrador de *A hora da estrela*.

É ele quem declara querer contar a história de uma nordestina que vive numa cidade “toda feita contra ela”. É esse narrador quem cria um arquétipo de ser desubjetivado, que não pensa, não questiona, que “vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive inspirando e expirando (...) o seu viver é ralo” (LISPECTOR, 1984, p. 44). Destacando o universo intersubjetivo de Macabéa e as configurações espaciais nas quais ela está envolvida, discutir-se-á o estranhamento ao espaço vivido em que a protagonista está submetida, ou seja, sua “topofobia”.

Se a análise dos usos do *espaço* é fundamental para se pensar sobre as identidades no romance em questão, o *tempo*, por sua vez, também merece atenção especial. Essa separação entre tempo e espaço, de acordo com Bauman (2000), é fruto da modernidade. No passado pré-industrial das sociedades humanas: “‘longe’ e ‘tarde’, assim como ‘perto’ e ‘cedo’, significavam quase a mesma coisa: exatamente quanto esforço seria necessário para que um ser humano percorresse certa distância – fosse caminhando, semeando ou arando” (Bauman, 2000, p. 128). Com o advento da industrialização e mecanização, o tempo também se tornou mecânico, uma ferramenta de controle social, culturalizado.

Em *A hora da estrela*, o tempo não é caracterizado como uma ferramenta de dominação. Entretanto, a separação moderna entre tempo e espaço se faz presente e o tempo, no caso, se desdobra em três qualidades: uma refere-se ao tempo da protagonista, simples, direto, cronológico, afinal: “até um bicho lida com o tempo” (LISPECTOR, 1984, p. 36), já que Macabéa não se considerava muito gente; a segunda é o tempo do narrador, cuja medição não é feita pela duração, mas pela intensidade das emoções vividas por Rodrigo S. M. – o tempo propriamente moderno, desvinculado o quanto é possível das questões espaciais; e a terceira compreende o tempo do leitor – necessariamente fugidio, pois não cabe ao autor controlar a leitura de seu texto.

Desta forma, no primeiro capítulo deste trabalho, *A influência do território na formação da identidade*, parte-se da premissa de que um território, para se consolidar, necessita ser identificado e valorado simbolicamente por seus habitantes. Para tanto, a identidade é parte integrante do processo e fator relevante para o efetivo estudo das migrações no espaço brasileiro. Dessa forma, são destacadas as transformações que incidem sobre as relações sociais, interferindo diretamente nos

momentos decisivos (saída e chegada), nas migrações.

O segundo capítulo, *Sobre A hora da estrela*, enfoca as principais características do romance, último livro da autora publicado em vida: sua estrutura, enredo, personagens, além dos aspectos já listados anteriormente. Ganharão destaque as personagens Macabéa, Olímpico, Glória e Carlota, além do narrador do romance, Rodrigo S. M., que “ironiza”, através de várias repetições no texto, o estilo de narrativa que ele próprio utiliza.

O capítulo terceiro, *Migração e regionalismo na obra de Clarice Lispector*, analisa a compreensão do fato migratório como manifestação de processos mais gerais, como as relações de trabalho e a urbanização. Aborda, também, as questões de territorialidade e desterritorialidade, descrevendo as principais questões analisadas, além de fazer a apresentação do território em referência, o Nordeste brasileiro, e dos processos migratórios que ocorrem em grande escala para a região Sudeste, uma vez que, na obra *A hora da estrela*, as personagens diaspóricas vivem longe de sua terra natal - real ou imaginária – mas mantêm suas raízes, seja pela linguagem, especificamente nos sotaques, como também pelas culturas produzidas.

Enfim, nesta pesquisa, através da análise espacial de *A hora da estrela*, enfocando a relação toponímica das personagens centrais, busca-se destacar como essas relações se refletem, seja pela afinidade ou pelo estranhamento, sobre os processos relativos à identidade das personagens e considerando “a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações da identidade) que marcam a experiência social” (PENNA, 1998, p. 109).

Desta forma, diferentemente de análises já realizadas sobre essa obra de Lispector – que contemplam as características intimistas, o psychologismo e o fluxo de consciência, inerentes ao estilo da autora – esta pesquisa se alicerça no aspecto sócio-espacial em que as personagens são alocadas e como essa construção espacial reflete no desenvolvimento, ou não, das identidades delas.

1. A INFLUÊNCIA DA IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

Amplamente utilizadas nas ciências humanas, muitas vezes com caráter explicativo, as noções de perda de identidade e desenraizamento parecem mesmo imprescindíveis para a análise de certos temas, como o das andanças de um migrante que abandona sua terra natal em busca de uma vida melhor.

(Maura Penna)

A identidade é algo tão complexo e abrangente que seu estudo tem caráter multi e interdisciplinar – filosófico, sociológico, psicológico, antropológico, religioso, geográfico, só para citar alguns, e, por que não dizer, literário, pois que essa preocupação é essencial às artes em geral. É por esse motivo que encontrar a resposta para uma pergunta simples como “quem sou eu?” acaba se tornando uma das tarefas mais difíceis de se empreender, uma vez que, para responder a essa questão, deve-se levar em consideração alguns aspectos díades ou dualísticos, como o “individual” em relação ao “social”, do “eu” em referência ao “outro”, do “aqui” em oposição/conjunção ao “lá”, da “estabilidade” mantida/alterada pela “transformação”, da “unicidade” que sobrevive/imerge na “totalidade”, da busca pela “igualdade” com/sem a perda da essência da “diferença”. Além disso, esses aspectos se caracterizam por se manterem em constante jogo dialético.

O que se pretende afirmar aqui é que a identidade, por sua complexidade, é sempre um processo. É uma espécie de metamorfose constante, já que o contexto social é reciprocamente permeável às influências. Não é possível localizar uma identidade como elemento totalitário, único, completo, mas sim processos de identificação, que, embora pontuais, são também processuais e portanto instáveis. Homi K. Bhabha, analisando a obra de Fanon, já afirmava que:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação - isto é, ser *para* um Outro - implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2007, p. 76)

Na obra em estudo, há dois aspectos que se contrapõem e ao mesmo tempo se coadunam: a busca pelo saber-se “ser” do narrador/escritor e a total alienação existencial da personagem Macabéa. A plena consciência de si, que permite a própria negação, é prerrogativa do autora/narrador, enquanto o niilismo da personagem faz com que Macabéa nunca possa alcançar esse processo. Seu fim e seu começo se unem: o nada. Do pó veio, ao pó retornarás.

Retomando Bhabha, para existir é preciso “ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou lócus” (BHABHA, 2007, p. 75) – o que não acontece com Macabéa que vive num limbo impessoal – e que esse “lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão” (BHABHA, 2007, p. 75). Clarice, como o nome já aponta, tem clareza do espaço/lócus de sua cisão: o ficcional, o linguístico. É nele que autor/narrador encontra/repudia seu não-ser (Macabéa), a personagem que era “incompetente para a vida” e que “só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse (contrário à autora) diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 1984, p. 45).

O que Bhabha aponta e Clarice realiza em Macabéa é a tentativa de responder à questão inicial “quem sou eu?”. Quando essa resposta é “eu sou eu”, pressupõe-se que “eu não sou o Outro”. Clarice não é Macabéa, mesmo que

constantemente – através de seu narrador - utilize antanagoges¹. Esse saber-se o não-Outro confirma que se conhece um Outro, diante do qual se diferencia, e que embora existam Outros semelhantes ao eu, o eu não é ele/ela. Assim, por causa dessas semelhanças/diferenças encontradas na relação eu/Outro, eu/não-eu, eu/grupo é que se pode descobrir/afirmar/confirmar ou reafirmar a própria identidade. É um paradoxo, como a própria escritura de *A hora da estrela*, pois, para falar de si, o eu – que, em princípio, seria a pessoa que mais sabe de si – necessita do Outro, seja esse um ser real ou imaginário/ficcional, como um narrador ou uma personagem.

Dado ao seu aspecto relacional, a identificação, além de obrigar a responder a questão “quem sou eu?”, impõe posições quanto à investidura dos papéis assumidos: “A qual identidade estamos nos referindo?”. Num círculo dinâmico e ininterrupto de um mundo globalizado, exige-se que em cada situação certas posturas sejam mantidas e que diferentes *personas* sejam incorporadas. Nesse contexto, Stuart Hall, ao discorrer sobre identidades culturais, afirma que:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...]. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2004, p. 13)

Na concepção de Stuart Hall (2004) a identidade atribuída ao sujeito pós-moderno não é unificada e estável, tornando-o um sujeito fragmentado, composto por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Nesse

¹ Figura retórica pela qual se voltam contra o acusador os mesmos argumentos que lhe serviram à acusação, recriminação.

sentido, para Hall, o homem atual não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. O autor assegura que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2004, p. 74)

Hall afirma que as culturas nacionais, compostas por instituições, símbolos e representações, são também um discurso, ou seja, um modo de produzir sentidos que influenciam e organizam as ações e concepções que cada um tem de si mesmo. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.” (HALL, 2004, p. 51). Esses sentidos estão contidos nas narrativas, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Assim Hall utiliza-se de um termo cunhado por Benedict Anderson, afirmando que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” e que as diferenças entre as nações residem nas formas distintas do modo como elas são imaginadas.

A nossa diferença como cidadãos em um determinado território é o que nos leva à construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar em si, mas das pessoas que vivem ali e que produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenças internas.

Ao fazermos uma reflexão sobre os conceitos de território, na tentativa de definir qual poderá ser considerado, o geógrafo Rogério Haesbaert (2004) destaca a amplitude do conceito de território e sua apreensão por várias áreas do

conhecimento, sendo que cada uma corresponde a uma perspectiva própria. Enquanto a Geografia tende a enfatizar a materialidade do território em suas múltiplas dimensões, a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder, a Economia percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como base de produção, a Antropologia destaca a dimensão simbólica do território, a Sociologia focaliza a sua intervenção nas relações sociais e a Psicologia incorpora o território no debate sobre a construção da subjetividade ou identidade pessoal, direcionando-o para a escala do indivíduo. Haesbaert (2004) ainda ressalta que essa polissemia se faz visível na própria Geografia, apresentando uma síntese das várias noções de território, agrupando-as em três vertentes básicas:

Política (referência às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, na qual o território é visto como espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado;

Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico cultural: prioriza a dimensão emblemática e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido;

Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, e o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2004, p. 40)

A essas três vertentes Haesbaert (2004) acrescenta posteriormente uma interpretação “natural(ista)” – mais usual nas chamadas ciências da natureza do que nas ciências da sociedade – que desenvolve uma noção de território com base nas relações sociedade-natureza, especialmente no que se refere ao comportamento

“natural” dos homens no seu ambiente físico. Entretanto, o referido autor lembra, ainda, que esta interpretação está sendo incorporada ao âmbito social. Manoel Corrêa de Andrade também assegura que para as ciências naturais o território aparece como a área de influência e dominação de determinada espécie animal, que, ao exercer o domínio nessa área, fá-lo-ia de forma mais intensa no centro, perdendo a intensidade ao aproximar-se da periferia, onde passaria a concorrer com domínios de outras espécies. A expressão “território” é usada desde o século XIX, “por Frederico Ratzel, muito preocupado com o papel desempenhado pelo Estado no controle do território, e por Elisée Reclus, que procurava estabelecer as relações entre as classes sociais e espaço ocupado e dominado” (ANDRADE, 1996, p. 213).

Por outro lado, Vargas (2006), admitindo a presença de uma polissemia conceitual em relação ao termo “território”, ressalta a dificuldade de estabelecer fronteiras entre as concepções mais veiculadas: a política e a cultural. A concepção é considerada a mais sólida no âmbito acadêmico, sendo a que vê o território como uma forma de controle dos indivíduos e/ou processos sociais a partir do controle de seu espaço material de existência, enquanto que a dimensão cultural aborda o território como um espaço dotado de identidade, uma identidade territorial. Assim, mesmo que seja priorizada a dimensão cultural, esta só pode ser considerada como cultura política, sobretudo porque a produção simbólica que domina nossa contemporaneidade é fruto das relações de poder às quais se encontra imbricada.

Embora Vargas (2006) apresente as dimensões política, cultural, econômica e naturalista, nas quais o território é usualmente focado, Haesbaert reconhece a necessidade de superação da dicotomia material/ideal para pensar o território, envolvendo, concomitantemente, “a dimensão espacial material das relações sociais e o conjunto das representações sobre o espaço ou o ‘imaginário geográfico’ que

não apenas move como integra ou é parte indissociável destas relações” (HAESBAERT, 2004, p. 42).

Andrade (1996) enfatiza a necessidade de não se confundir o conceito de território com o de espaço ou de lugar, tendo em vista que o primeiro está sempre muito ligado à ideia de domínio e de gestão de uma determinada área. Sobre uma possível hierarquia entre o território e o espaço, Santos (2001) considera que tal definição nada acrescenta ao verdadeiro debate substantivo. Ele, inclusive, afirma ter renunciado à busca de uma distinção entre espaço e território, alertando sobre a necessidade de não falar de território em si mesmo, mas de “território usado”, incluindo assim todos os atores. “Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada.” (SANTOS, 2001, p. 19). Santos chega a admitir a expressão “território usado” como sinônimo de “espaço geográfico”.

O termo “território” é frequentemente usado num sentido muito vago, muitas vezes intercambiável com outros termos que buscam descrever categorias espaciais como lugar, área ou região. No entanto, como argumenta Sack (1986), citado por Mitchell (2010), o território é um tipo especial de lugar diferenciado de lugares comuns, áreas ou regiões. Ele pode ser circunscrito por geógrafos no espaço ou num mapa, simbolizando, por exemplo, onde se concentra a indústria ou em que lugar ocorrem certos tipos de atividades agrícolas. Entretanto tais delimitações tornam-se territórios apenas quando os seus limites são usados para afetar o comportamento pelo controle de acesso, por exemplo, a recursos ou poder. Dessa forma, diferentemente de lugares comuns, os territórios exigem um constante esforço de estabelecimento e manutenção. Eles são o resultado de estratégias para influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações. Nesse sentido, Mitchell (2010), comentando Sack (1986), fala de territorialidade, ou seja, as tentativas de um

indivíduo ou de grupos para influenciar, afetar ou controlar objetos, pessoas ou relações através da delimitação e do estabelecimento de controle sobre uma área geográfica.

1.1 IDENTIDADES TERRITORIAIS

Apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitadas [...].

(Guilles Deleuze - Félix Guattari)

O primeiro grande impacto que Clarice Lispector causa no leitor é o de sua perspectiva. Ela tinha o talento de deslocar o olhar do leitor para um novo ângulo, em que as coisas ganham uma dimensão inusitada, intensa, absoluta e transcendente.

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o que, mas sei que o universo jamais começou. (LISPECTOR, 1984, p. 31)

Assim começa, monologando, um narrador inominado ainda, sem qualquer identificação, mas íntimo como se já conhecesse o leitor e essa conversa já fosse antiga. Diz que, enquanto tiver perguntas e não respostas, vai continuar a escrever. “Se esta história não existe, passará a existir.” (LISPECTOR, 1984, p. 31). O narrador de *A hora da estrela* nos alerta de que esta história será o resultado de uma visão gradual e há dois anos e meio vem aos poucos descobrindo os porquês. “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição

no rosto de uma moça nordestina.” (LISPECTOR, 1984, p. 31).

Encontramos aqui uma identificação entre esse narrador e pseudoautor, que se nos apresenta, e Clarice Lispector, pois em outros textos dela não encontramos o início da história. Começamos a história como quem pega o ônibus andando.

Segundo Clarice Fukelman (LISPECTOR, 1984), esta solidificação dos fatos se faz por uma leitura da história do Nordeste sem identidade em Macabéa e pela articulação, entre sua obra e a história literária brasileira. Renuncia ser modernoso, satiriza “a história com começo, meio e *gran finale* seguido de silêncio e de chuva caindo” (LISPECTOR, 1984, p. 33), estabelece um diálogo com a literatura de cordel, em que o Nordeste fala de si mesmo. Assim o narrador escolhe o nordestino que mudou de espaço, desenraizou-se, perdeu o respaldo de seu grupo, bloco marcado e mudo na vida da grande metrópole. Grupo esse que busca seu espaço, bem como sua identidade, na cidade moderna.

Como observa Vargas (2006), ao tratar das chamadas “identidades territoriais” – relação dos indivíduos e grupos sociais com uma parcela do espaço, um território – em tempos de extrema mobilidade acentuada pelo processo de globalização, Haesbaert afirma que “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto na realidade concreta” (HAESBAERT, 1999, p. 172). O autor trata a identidade territorial primordialmente como identidade social, sem, contudo, ignorar a indissociabilidade da dimensão individual, mais subjetiva e social, mais objetiva na construção das identidades. Mesmo que a maioria dos autores restrinja a existência da identidade ao campo das representações, Haesbaert ressalta a base material, neste caso a territorial, que serve de referência para a construção de muitas identidades.

Como já foi mencionado anteriormente, toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas. Haesbaert assegura, retomando a citação de Bhabha, que:

[...] a(s) identidade(s) implica(m) numa busca de *reconhecimento* que se faz frente à *alteridade*, pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isto, ao mesmo tempo, pode promover *tanto o diálogo quanto o conflito* como o Outro. (HAESBAERT, 1999, p. 175)

No entanto, Haesbaert (1999) esclarece que nem toda identidade tem no território um dos fundamentos de sua construção. Trata-se, porém, de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais da estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto no concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial, quando o referente simbólico central para a construção dessa identidade parte do ou transpassa o território. Ou seja, o território pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde uma paisagem do espaço cotidiano, “vivido”, que simboliza uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e, em tese, mais abstrato, como o do Estado-nação.

Ao questionar sobre o impacto da última fase da globalização sobre as identidades (nacionais), o sociólogo Stuart Hall (2004) remete à ideia da “compressão espaço-tempo” – desenvolvida pelo geógrafo David Harvey (1992) – ou seja, à aceleração dos processos globais, de forma a tornar o mundo e as distâncias menores, promovendo repercussões imediatas dos eventos ocorridos em qualquer porção do planeta sobre pessoas e lugares situados a longas distâncias. Entretanto, Hall argumenta que o tempo e o espaço são, também, coordenadas básicas de todos os sistemas de representação e que a identidade está profundamente

envolvida no processo de representação. Nesse sentido, “a moldagem e a remoldagem das relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2004).

Em consonância com Hall, Haesbaert (1999) ressalta que as identidades se situam frente a ou num espaço simbólico, social e historicamente produzido. O autor alerta, entretanto, que não defende a tese de que todas as identidades sejam territoriais. Esse tipo de identidade só se caracteriza quando sua estruturação depende dessa apropriação simbólica em relação ao território.

Se, para Hall (2004), tempo e espaço são, também, as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação e, considerando que a identidade encontra-se profundamente envolvida no processo de representação, admite-se que a forte veiculação da cidade grande (Rio de Janeiro) simbólica interfere na construção identitária do indivíduo urbano (migrante). O processo de representação, afetado pela grande mídia, tem sido alterado em relação à compressão espaço-tempo, acabando por configurar diversas temporalidades, conforme o tipo de acesso à mídia e, também, de acordo com os interesses de atores influentes.

A identidade territorial recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo. “A (re)construção imaginária da identidade envolve portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.” (HAESBAERT, 1999, p. 180). O autor assegura ainda que a construção da “comunidade imaginada” de qualquer nação ou região faz com que o indivíduo aja como próprio daquele lugar, porque se sente pertencente a esse recorte territorial (nacional, regional ou local).

Em outra corrente de pesquisa, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan apresenta à geografia humanista um conjunto de terminologias que se tornou base para muitas questões e temas suscitados pelos estudiosos deste campo. Ele buscou classificar a proposta de valorização da experiência como conhecimento do espaço. Para tanto, elaborou os conceitos de “topofilia” e “topofobia”, que estão diretamente associados às questões dos sentimentos de atração e da negação aos lugares. O lugar para ele deixa de ter conotação locacional e passa a ter a experiência vivida como fundante, constituindo-se em proposta transcendental ao domínio do racional (AMORIM FILHO, 1987, p. 80). Assim, a “topofilia” seria

[...] um sentimento direcionado para o lar, para o que é confortável, detalhado, diverso e ambíguo sem confusão e tensão; envolve experiências estáticas dos lugares naturais e construídos pelo homem e os apelos mais persistentes e persuasivos de ambientes atrativos, como litorais e paisagens centrais. Em resumo, topofilia inclui qualquer coisa dos ambientes que nos faça senti-los como estar nos relaxando ou estimulando, e tudo o que nas nossas atitudes ou costumes nos capacite a experimentar locais como dando-nos prazer. (RELPH, 1979, p. 19)

Já a definição de “Topofobia” está diretamente ligada a uma oposição ao conceito de topofilia, podendo ser entendida como “experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão” (RELPH, 1979, p. 20). A partir dessas teorias, os conceitos de “lugar” e “território” se sobressaem e reconfiguram o cenário de análise espacial.

Por outro lado, quando se pensa ou se fala em espaço, em uma análise literária, imediatamente vem o espaço físico como referencial. Tende-se a privilegiar as relações estabelecidas pelos sentidos, sobretudo a visão, para delimitar conceitos. Assim, espaço seria, primeiramente, aquilo que se pode perceber através do corpo, aquilo que se vê. Ao se ler uma narrativa, transplanta-se para o texto essa

tendência, buscando identificações com os espaços concretos. Mas, o espaço da personagem numa narrativa é mais que isso, pois a literatura propõe o questionamento da concretude dos espaços e faz ver que, “mesmo quando não há um desejo ou um interesse explícitos de ver algo, projetamos significados naquilo que vemos. Tais significados não são puramente individuais, mas condicionados por um certo modo de olhar que é cultural” (SANTOS, 2001, p. 69).

Do ponto de vista tradicional, o “território” simboliza a leitura segregada pelo modo de produção capitalista e analisa as relações de poder ali impregnadas. Pela proposta de Yi- Fu Tuan e sua Geografia Humanista, retomando Bachelar, há uma busca de “valorização da dinâmica das relações espaciais no entendimento da sua cotidianidade, no seu movimento a partir do mundo-vivido tal qual se apresenta ao sujeito” (AMORIM FILHO, 1999, p.73). Os conceitos geográficos de Yi-Fu Tuan são os que mais se aproximam das concepções de espaço ficcional e de sua relação com as personagens que o povoam.

Segundo Almeida (2009), vê-se, nas atitudes de Macabéa - em querer ser Marilyn Monroe - e nas de Olímpico, ser deputado, uma tentativa de encaixamento social. Tal encaixamento não é influenciado apenas pelo desejo de se adaptar aos ideais modernos, mas também pelo intuito de assegurar o auto-reconhecimento naquela sociedade. Vale lembrar que, justamente por esses personagens desempenharem funções como operário de metalurgia e datilógrafa, respectivamente, é que eles representam a classe social explorada. Um dos motes do romance é discutir a oposição entre o narrador intelectual, cosmopolita, financeiramente bem resolvido, pós-moderno, mas brasileiro, e a maioria da população nacional: submetida a uma educação sofrível, provinciana, pobre, explorada e também brasileira. Rodrigo S. M. – “alter ego” de Clarice – é um

“homem” que pertence ao mundo em todos os seus aspectos inclusivos, que participa das “comunidades” (Bauman, 2000), que, em meio a estranhos, não causará estranheza, que, enfim, pode ser considerado um indivíduo “normal”. Contudo, ele/ela se incomoda com sua posição, principalmente porque identifica “outros” que não participam daquela “normalidade”, nem têm consciência da sua exclusão – e é por isso que ele/ela escreve.

Macabéa, por sua vez, é a mulher excluída, é a “estranha que causa estranheza”, ela não tem direito de participar das “comunidades”; ela não é “normal”. E, para piorar, Macabéa não tem consciência de sua posição; simplesmente “almeja” – silenciosamente – ser incluída no universo de pertencimentos do qual os “normais” participam – ficava olhando, nas vitrines, objetos que jamais teria condições de obter – o que enfatiza a sociedade capitalista, excludente e materialista, que menospreza os indivíduos segregados economicamente. Pode-se, dessa forma, inferir que o indivíduo que se auto-intitula carioca – nascido ou não na região – expressa, dessa forma, seu sentimento de pertencimento ao Rio de Janeiro, à cidade grande, e, para tanto, sente necessidade de falar e agir como um cidadão carioca.

Para Claval (1999), a territorialidade é um dos ingredientes essenciais das identidades, mas ela não tem sempre a mesma capacidade de reprodução e nem a mesma forma. Na realidade as territorialidades se hierarquizam e podem ser fragmentadas. A identidade social/territorial pode ser interpretada como algo decorrente da naturalidade, da vivência e da cultura, mas também como algo construído, uma “autoatribuição”, quando os indivíduos se reconhecem como gaúchos, mineiros, nordestinos, ou, no caso desta análise, como uma futura “estrela” (atriz).

Apoiando-se na etimologia, Corrêa (1996) destaca que território deriva do latim *terra* e *torium*, significando “terra pertencente a alguém”. “Pertencente, entretanto, não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas a sua apropriação” (p. 251). O autor situa essa apropriação com duplo significado: primeiro, a apropriação efetiva, legitimada sobre um segmento do espaço, na qual o conceito de território vincula-se à geografia política e geopolítica; segundo, a apropriação como uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, idade ou outros atributos, vinculando-se a uma geografia que privilegia sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares, conforme a abordagem da geografia humanista. Neste caso, a “apropriação passa a associar-se à identidade de grupos e à afetividade espacial” (p. 251).

Raffestin (1993) destaca que a noção de territorialidade foi construída pelos naturalistas, que se preocupavam com a territorialidade animal. Nesse sentido, o autor aponta a necessidade de se abandonar as analogias animais para tratar da territorialidade humana, que é constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade. Afirma ainda que a territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas, tratando-se sempre, portanto, de uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores. Para ele a territorialidade reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral, enfatizando que:

Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais, ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, 1993, p. 159)

Comenta Mitchell (2010) que, enquanto o estudo fundamental de territorialidade humana, de forma talvez surpreendente, não analisa explicitamente o estado como a expressão máxima da territorialidade e menciona apenas brevemente o nacionalismo, os seus critérios teóricos de territorialidade fornecem os instrumentos intelectuais para desafiar a visão predominante de que o “instinto territorial” é algo inato nos humanos, um impulso sociobiologicamente determinado que nos leva inevitavelmente à conclusão de que é “natural” aos humanos querer controlar o território, e que é igualmente “natural” aos humanos desenvolver laços emocionais com tal território. Para muitas disciplinas das Ciências Sociais, as consequências do instinto territorial sociobiológico têm levado a ver o conflito territorial como algo inevitável, deixando de lado a análise de por que e como determinados territórios começaram a existir da forma como o fizeram. Desde que desafie tal pensamento, podemos começar a analisar por que e como os territórios surgem e continuam a existir, e por que e como as pessoas desenvolvem um sentido de pertinência a um determinado território.

Na verdade, historicamente, observa-se que um sentido de pertencer a uma nação ou a um país territorial não parece ter sido típico na Europa pré-moderna. Uma vez feita a alegação de que pertencer a uma pátria, e especialmente a uma pátria nacional, não é uma necessidade inata, biologicamente determinada, podemos começar a desmontar a crença de que as pessoas pertencem a certo território e a analisar por que e como as identidades são construídas e reconstruídas, levando em conta os aspectos territoriais.

Categoria de análise trabalhada pela geografia cultural, o território é visto como um espaço delimitado, apropriado, não nos sentidos de posse ou de adequação, mas por apropriação simbólica, afetiva por identificação. Tanto essa

delimitação quanto essa apropriação de um determinado território podem ser simbólicas, adjetivadas de diferentes formas, como, por exemplo, a partir das lentes de uma máquina fotográfica, através de simples lembranças (memórias) ou na aquisição de objetos que simbolizem o território desejado.

Ao tratar dos conceitos de território e de territorialidade, Vargas (2006) afirma ser o primeiro uma objetivação multidimensional da apropriação social do espaço, enquanto que a segunda seria a qualidade subjetiva do grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida. Sob esse enfoque, os sentidos de pertencimento, de identidade regional, de tomada de consciência regional e de ação regional definem a territorialidade regional. Os conceitos de territorialidade e de identidade proporcionariam a definição de territórios de identidade, territórios de pertença, territórios de referência e territórios de ação.

Já para Andrade (1996) a formação de um território proporciona em seus habitantes a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre eles.

Admitimos que a expressão territorialidade pode ser encarada tanto como o que se encontra no território e está sujeita à gestão do mesmo, como, ao mesmo tempo, ao processo subjetivo da conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar ao território. (ANDRADE, 1996, p. 214)

Assim, o território pode ser visto como espaço de articulação, de negociação, de mediação, de conjugação, para onde correm as ações, para onde convergem as rearticulações, abarcando aspectos objetivos e subjetivos das relações que nele se celebram. Revela-se como objeto complexo, sobre o qual se

estabelecem as redes do poder (dominação e submissão), e se materializam nas relações sociais, culturais, econômicas, ambientais, enfim, todas as relações sociedade-natureza. Como observa Vargas (2006), o território participa efetivamente na construção histórica da identidade do povo que nele vive, definindo e absorvendo suas características, hospedando o espaço vivido e o espaço a se viver, em movimento simbiote que se encaminha para a paisagem, e esta, por sua vez, seria a tradução de todo o processo.

Vale dizer que a análise do desenvolvimento territorial de um determinado espaço requer a sua apreensão, em um processo de construção e reconstrução permanente, de forma a permitir a percepção e a compreensão de sua complexidade em ampla escala: as significações e ressignificações atribuídas a este território, resultantes dos embates travados entre os diversos atores que disputam os sentidos do que realmente seja o desenvolvimento territorial de uma região. Esses sentidos divergem muito na obra *A hora da estrela*, quando situações diversas defendem formas diferentes e até antagônicas de se processar aquilo que seria seu desenvolvimento territorial.

Na obra de Clarice Lispector (1984), o conceito de território tanto deve ser entendido no sentido de território nacional, como do ponto de vista de uma delimitação de um espaço a partir de relações de poder e de controle que um grupo exerce sobre este (lugar). O território não deve ser tomado somente em relação ao Estado. Ele pode e deve ser pensado em uma escala menor, como: a rua, o bairro, a casa, a cidade.

Nesta escala, o espaço perde a conotação geométrica e planejada e em seu conceito se instaura a dinâmica múltipla de realizações. Reforça-se o que Yi-Fu Tuan destaca, que é a questão da experiência espacial a partir dos sentidos e da relação

do corpo com o mundo. Tais experiências são para ele “constituídas de pensamentos e sentimentos e o corpo e as posições em relação aos outros se dão enquanto relação com o espaço enquanto ‘lugar’” (TUAN, 1980, p. 42). Um lugar que pode despertar o sentido de ligação e afetividade, a “topofilia”, o mais alto grau de ligação e pertencimento² a um espaço ou, o inverso, a “topofobia”, que revela a aversão ao lugar.

Ainda em *A hora da estrela*, um outro elemento importante para pensar o território é a sua duração. Segundo Alflen (2007), estes podem ter escalas temporais diferentes: séculos, anos, décadas, meses ou dias. Assim, os territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, durante o dia controlado por um grupo e à noite, por outro. Como exemplo disso, pode-se citar os territórios da prostituição feminina ou masculina (prostitutas, travestis e michês), que dominam uma certa porção da cidade à noite, cedendo lugar durante o dia para o comércio de rua, como feiras livres e camelôs. Nas grandes cidades encontramos com mais frequência esse tipo de território, as “territorialidades flexíveis”, que se alteram.

Embora cada conceito de território/lugar comporte em si sua contribuição específica, todos giram em torno da realidade cotidiana, trazendo, de forma convergente, a intersubjetividade. Assim, o entendimento da intersubjetividade produzida no “lugar-mundo-vivido” passa primeiramente pelo movimento inerente a estes espaços, o que difere do conceito de “lugar-território”. O “lugar-mundo-vivido” possui o movimento do cotidiano e da História, mas é visto como “pausa”, uma vez que nele é desenvolvida toda a criação da familiaridade pelo encontro das experiências em comum (TUAN, 1983, p. 10-17). Elas se sobressaem nesta

2 O pertencimento a uma comunidade decorre de: valores que o indivíduo julga importantes; percepção das alternativas possíveis; consequências pessoais, familiares e do grupo de alternativas; de normas sociais condutoras de seu comportamento (BAILLY, 1977, p. 88).

concepção de lugar, justamente por serem o balizamento da constituição das identidades, como constituintes dos conhecimentos em comum que se fundam nas significações. Edward Relph, citado por Ferreira, vincula as formações dos lugares às identidades:

A identidade de um lugar seria, deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar (*home place*). (FERREIRA, 2000, p.68)

Por esse conceito, as identidades se formam intersubjetivamente, no compartilhamento e na assimilação dos conhecimentos socializados, mas a identidade não se fixa nesta aparente imobilidade. A intersubjetividade aqui é expressão de intencionalidade e não de passividade. A intencionalidade é em si uma manifestação subjetiva que aporta consigo toda a construção de mundo com o outro, na vivência em comum, manifestando-se como ação. É possível associar facilmente este conceito às características de todos os personagens de *A hora da estrela*, principalmente Olímpico e Glória, em cujas ações reinava a intencionalidade. Olímpico tinha certeza de que “seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro” (LISPECTOR, 1984, p. 89). Macabéa, por outro lado, em permanente passividade, não realiza, não projeta, não se relaciona e assim não constrói uma identidade, nem a sombra de uma. Ou melhor, era uma touceira de “capim de sarjeta” que insistia em crescer em locais impróprios; era alguém sem conexão com o mundo – composto pela tia, por Glória, Seu Raimundo e Olímpico. “Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as outras pessoas ela não existia.” (LISPECTOR, 1984, p. 86). Então, como exigir identidade de uma morta-viva?

1.2 DESTERRITORIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

[...] a criação de conceitos é uma forma de transformar o mundo; os conceitos são as ferramentas que permitem ao filósofo criar um mundo à sua maneira. Por outro lado, os conceitos podem ainda ser armas para a ação de outros, filósofos ou não, que dispõem deles para fazer a crítica do mundo, para instaurar outros mundos. (...) Que não se faça uma leitura idealista do conceito: não se trata de afirmar que é uma ideia (conceito) que funda a realidade; num sentido completamente outro, o conceito é imanente à realidade, brota dela e serve justamente para fazê-la compreensível. [...] o conceito é sempre uma intervenção no mundo, seja para conservá-lo, seja para mudá-lo.

(Sílvia Gallo – inspirado em Gilles Deleuze)

Os lugares, numa primeira leitura, parecem ser concebidos como espaços de convivência harmoniosa, onde um certo controle e “estabilidade” trariam em si a garantia de relações afetivas positivas. No entanto, esses mesmos espaços podem gerar sentimentos de repulsa, mas não devem ser concebidos como processos de “des-lugarização”, como se o lugar perdesse sua função de ligação entre sujeito-espaço. O termo “topofobia” representa justamente, em Tuan, a descrição desse momento de conflito e de experiência negativa em relação ao lugar. “Em nenhum momento observam-se menções de desconstrução do lugar pelo aparecimento da relação negativa com ele, uma vez que os sentimentos negativos só se dão também quando há ligação entre sujeito com seu espaço.” (FERREIRA, 2000, p. 69).

Apesar de a “des-lugarização” não estar associada às ligações negativas ou positivas com o espaço-vivido, diante da intensificação das modificações espaciais na contemporaneidade, tem-se levado em conta como “algo inerente à homogeneização do espaço pelas relações impostas pela globalização econômica e política que se materializam.” (AUGÉ, 1994, p. 9).

Outro conceito, o de “desterritorialização”, é, nas palavras de Gilles Deleuze³ uma palavra bárbara, proposta por Felix Guattari para o entendimento de processos inicialmente psicanalíticos, e que foi, posteriormente, ampliada para toda a filosofia desenvolvida pelos dois autores. Pode ser aplicada ao processo pelo qual o poder e o significado são cada vez mais deslocados de lugares discretos, tais como territórios nacionais e estatais, na medida em que tal território perde a sua força hegemônica como o princípio organizador básico da vida social, política e cultural. Mais especificamente, pode-se dizer que a desterritorialização é uma consequência da globalização, pela qual um crescente número de práticas econômicas, políticas e culturais é organizado em redes transnacionais ou até globais, em razão de mudanças tecnológicas, materiais e geopolíticas ocorridas no final do século XX.

Todo grupo social precisa apropriar-se de uma porção do espaço, para nele viver. Em termos biológicos, o território é a área na qual as espécies animais e vegetais vivem e se desenvolvem. Em geografia, o território representa o espaço concreto dominado e apropriado por uma sociedade ou um Estado. Nele podemos encontrar um grupo de paisagens. Por ser uma forma de apropriação do espaço, o território é resultado de uma criação humana, um produto do trabalho social. Isso significa que o espaço se transforma em território por meio da ação coletiva e política e pelo exercício do poder.

Na literatura, por sua especificidade, este conceito inexistente. “Território” se mistura a espaço/ambientação. No entanto, neste situar ficcional o real se interpenetra, deixa suas marcas e permite as várias possibilidades de leituras. Criar uma narrativa sem atribuir aos seus personagens um espaço para se deslocar e

³ Gilles Deleuze (1925-1995) é considerado o mais importante filósofo francês contemporâneo. Ele começou a elaborar seu pensamento filosófico comentando as obras de Kant, Nietzsche, Bergson, Espinoza e Proust. Contra a profundidade, enfatiza a superfície e o oral, desarticulando assim os conceitos básicos da cultura moderna.

desenvolver é tão difícil quanto improvável. Objeto de reflexão do autor, a obra literária pode carregar consigo uma carga de intencionalidade por vezes ideológica. Daí, ao lê-la, analisá-la, o leitor deve estar atento aos processos construtivos desses arcabouços, dessas estruturas comunicativas. Elas podem conter na mais insignificante palavra um mundo de revelações. Em seus vazios, os não-ditos, há mais do que supostamente transparece.

Com o advento da globalização, muito se discutiu sua influência sobre as culturas globais. Segundo Giddens (1991), a globalização pode ser definida como um processo dialético de intensificações das relações sociais que, em escala mundial, ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a grandes distâncias e vice-versa. O processo de globalização tende a promover a uniformização do mundo material e esta, segundo Claval (1999), poderia comprometer os símbolos físicos das identidades. Segundo ele, as transformações políticas e a tendência à criação de grandes espaços econômicos desvalorizam algumas referências. Há um aumento na mobilidade social e as modernas tecnologias aproximam os indivíduos, mesmo que os outros pareçam perigosos. Nesse sentido o autor afirma:

[...] a esses reflexos identitários que se dedicam todos aqueles a quem fascinam a montagem de novas seitas religiosas ou filosóficas, a multiplicação de grupos voluntariamente retirados do mundo, a renovação dos regionalismos, a exacerbação de certos nacionalismos, ou a chama dos fundamentalismos. (CLAVAL, 1999, p. 89)

Autores contemporâneos já recorrem aos efeitos da globalização como matéria de criação artística. Dentre várias características, a questão da velocidade das mudanças atuais, a tentativa de homogeneização espacial pelo capitalismo globalizado, a tentativa em negar o “lugar” na pós-modernidade e a redefinição na

relação do homem com seu espaço relacional são apontadas como emergentes. A suposta uniformização do mundo estaria conduzindo a uma separação do tempo e do espaço, o que, segundo Giddens (1991), seria um dos fatores dos dinamismos da modernidade. O tempo vai deixando de ser conectado ao espaço (e ao lugar). Segundo Bauman: “O tempo se tornou dinheiro depois de ter se tornado uma ferramenta (ou arma?) voltada principalmente a vencer a resistência do espaço: encurtar distâncias, tornar exequível a superação de obstáculos e limites à ambição humana.” (BAUMAN, 2000, p. 130). Nesse sentido, quem é mais rápido conquista mais espaços em tempos mais curtos, portanto, domina mais.

Na mesma linha, Octávio Ianni admite que a globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as ideias; afirma também que tudo tende a deslocar-se além das fronteiras, “línguas nacionais, hinos, bandeiras, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas” (IANNI, 2003, p. 94-95). Hall (2004), por sua vez, ressalta que as novas características temporais e espaciais colocadas no processo de globalização, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, seriam um dos aspectos mais importantes a refletir sobre as identidades culturais da atualidade.

Embora não seja contemporânea a essas mudanças, Clarice Lispector visiona em sua obra aquilo que já percebia em seu espaço relacional. Como boa escritora, as estruturas sociais são representações tão concretas da realidade que quase se pode tocar. Seus migrantes, expulsos pelas intempéries naturais, são engolidos pelos grandes centros urbanos, que os trituram, mastigam e os cospem como se fossem caroços sem polpa. Em seu denso texto, Clarice retrata a dissolução do sujeito numa sociedade excludente, num espaço que “ficticiamente” deveria realizar-se como tofófilico, espaço sonhado, almejado por personagens a

ele estrangeiros e que literariamente se configura em topofobia, pois que aos passivos repele, rejeitando-os ou esmagando-os.

Os espaços reais, nos dias de hoje, encontram-se muito mais híbridos, mesclados, mas não perderam, de todo, antigas propriedades. Nesse sentido, Hall (2004), aponta três possibilidades concomitantes de manifestação identitária:

1. As identidades “globais” ou a diluição das identidades pela globalização;
2. As identidades de resistência, geralmente saudosistas, retomando ou reforçando antigas memórias coletivas, como no caso dos neonacionalismos;
3. As novas identidades pluriculturais, fruto de um diálogo entre o global/universal e local/particular. (HALL, 2004, p. 10-11).

As identidades pluriculturais, consideradas por Hall (2004) como “pós-modernas”, são consideradas por Haesbaert (1999) como “transterritoriais”, enquanto que para Canclini (1999) as identidades modernas eram territoriais e quase sempre monolinguísticas. Já as identidades pós-modernas são transterritoriais e multilinguísticas e estruturam-se mais pela lógica dos mercados.

Por outro lado, dentro das novas redes de identidades translocais, podem emergir lugares de importância, tais como campos de refugiados ou cidades com grandes populações de migrantes, como as milhares de Macabéas e de Olímpicos destacados na obra de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Essas translocalidades são fragilmente associadas com seus ambientes nacionais e são, antes, envolvidas com dependências e interesses transnacionais. Dessa forma, tais lugares e seus habitantes não pertencem naturalmente ao território nacional circundante. Haesbaert ressalta, entretanto, que a descontinuidade e a superposição territorial-identitária não se traduziriam em menor relevância do território e das identidades territoriais.

Se o território for visto não apenas como um locus de relações de poder que se fortalecem (ou debilitam) através das mediações espaciais, mas como um meio de identificação e de reformulação de sentido, de valores, então devemos enfatizar que tanto a identidade “transterritorial” não é uma identidade a-territorial, como também as identidades territoriais nos moldes mais tradicionais não estão desaparecendo, mas se reformulando. (HAESBAERT, 1999, p. 185)

Ianni também apresenta a desterritorialização como uma característica essencial da chamada “sociedade global” em formação, na qual:

Formam-se estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais ou globais descentradas, sem qualquer localização nítida neste ou naquele lugar, região ou nação. [...] O debilitamento dos vínculos entre povo, riqueza e territórios tem alterado a base de muitas interações globais significativas e, simultaneamente, põe em causa a definição tradicional de Estado. (IANNI, 2003, p. 95)

Como produto da globalização, a desterritorialização manifesta-se em todos os níveis da vida social, nas esferas da economia, da política e da cultura. Tudo passa a se movimentar em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias. Para Ianni (2003), desterritorializar significa dissolver ou deslocar o espaço e o tempo. Na sociedade global a desterritorialização é um processo cada vez mais intenso e generalizado, no qual as relações, os métodos e as estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e interação parecem desenraizar-se:

Há fatos sociais, econômicos, políticos e culturais ocorrendo perto e longe, não se sabe onde. Manifestam-se em diferentes lugares, situações e significados, de tal maneira que produzem a impressão de que vagam por distintas regiões, nações, continentes. Um processo que está evidente no vasto espaço do mercado, na ampla circulação de ideias na intensa movimentação de pessoas. O turismo e o terrorismo são ingredientes deste processo, conferindo a muitos a impressão de que as coisas, pessoas e ideias desenraizam-se periódica ou permanentemente. [...]. A desterritorialização afeta a lealdade de grupos, as manipulações das moedas tanto quanto das identidades, e também as estratégias dos Estados. (IANNI, 2003, 100-101)

Os territórios, diante da globalização, são construídos, destruídos e reconstruídos a todo o instante. Novos territórios e territorialidades são inventados incessantemente para suprir uma demanda emergente e insaciável pelo “novo” e pelo diferente.

Santos assegura que a mobilidade, na atualidade, se tornou regra e que a circulação é mais criadora que a produção, gerando a ideia de desterritorialização:

Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também desculturação. (SANTOS, 1997, p. 262)

Considerando-se que o território vincula-se à apropriação e a territorialidade, ao conjunto de práticas que garantem essa apropriação, a desterritorialidade, de acordo com Corrêa, representa “a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazer o território” (CORRÊA, 1996, p. 252).

Na história de Macabéia, a desterritorialização vai além desse aspecto estéril que é o espaço físico. Ela é um ser desprovido de tudo, até da própria voz. Ela pouco fala e, quando o faz, ou não diz nada, ou ninguém escuta. Dela foi tirado até o direito ao futuro – “mas Macabéia de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo” (LISPECTOR, 1984, p. 81). Sua reação à topofobia nunca se concretiza. Seus quase-vômitos são como sua quase-vida, quase-identidade, quase-vir-a-ser. A única coisa certa em seu destino era a morte, na qual ela se descobre inteira.

As diferenças regionais, no tocante ao desenvolvimento socioeconômico, foram aprofundadas a partir do início da industrialização do país. Desde esse marco,

grandes contingentes populacionais das regiões estagnadas economicamente encontraram na emigração para as mais ricas e ativas a melhor oportunidade de sobrevivência. De fato, a maior possibilidade de obter renda e trabalho nos estados mais industrializados ou com extensas áreas de terras ainda inexploradas desencadeou grandes fluxos migratórios no interior do território brasileiro.

Diferentemente de Macabéa, Olímpico se mescla ao novo espaço numa realização tofófica completa. Utiliza seus poucos recursos para alçar novos postos e almejar novas possibilidades, nem que para isso precise usar as pessoas ao seu redor como escada. Ao trocar Macabéa por Glória, ele tem consciência da conquista: “significava um degrau a mais”, “uma grande vantagem que o nordestino não podia desprezar” (LISPECTOR, 1984, p. 82). Além disso, ela era carioca e este fato “tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. E isso fazia dela material de boa qualidade.” (LISPECTOR, 1984, p. 83) enquanto que “Macabéa não tinha força de raça, era subproduto” (LISPECTOR, 1984, p. 82).

O Nordeste é marcado pela pobreza da maior parte da população (milhões de macabéas e olímpicos), em contraste com o poder econômico das oligarquias tradicionais, que detêm o poder político. A região ainda enfrenta longos períodos de estiagem na área do Sertão. Tal situação agrava o já caótico quadro social, gerando uma característica regional marcante, a emigração. Essa situação afetou a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, que recebeu parte desse contingente, multiplicando as favelas e outras formas precárias de moradia.

Conforme exposto, foi necessário abordar nesse capítulo alguns conceitos para facilitar a compreensão do fenômeno analisado, identificando suas especificidades e a sua relação com os demais conceitos empregados no processo de compreensão, podendo inclusive gerar a necessidade de se criar um novo

conceito. Além do uso na análise do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, essas e outras questões derivadas da exposição teórica do presente capítulo servirão de âncora e de referência para abordar a diversidade de situações e de problemas identificados na globalização e na des-territorialidade, a fim de fazer emergir os múltiplos sentidos que coexistem nas dinâmicas territoriais da migração e que tão bem são representados e explorados pela ficção em obras como a que aqui está sendo analisada.

2 SOBRE A HORA DA ESTRELA

Portanto, por via oral ou visual, sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessa formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas.

(Antônio Cândido)

2.1 A AUTORA E SUA OBRA

Segundo Guidin (2002), as referências biográficas sobre Clarice Lispector são escassas, pois a autora era contrária a entrevistas e ao convívio intelectual e mantinha uma vida discreta e reclusa. Por isso grande parte do que se sabe sobre ela e sobre seu processo de escrever baseia-se na reprodução de trechos presentes em sua obra, alguns francamente autobiográficos, outros nem tanto.

Dos raros depoimentos que deu, poucos vão além do que revelou em algumas crônicas, contos ou trechos avulsos. Negava sempre a relação vida-obra, mas, ao mesmo tempo, afirmou em várias ocasiões que “narrar é narrar-se”. (GUIDIN, 2002, p. 11)

Ainda segundo Guidin, a publicação póstuma de *A descoberta do mundo*, coletânea de crônicas que escreveu para o *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973, tem sido boa fonte de pesquisa sobre Clarice Lispector. O tom leve do texto de jornal permitiu à escritora cruzar trechos de sua ficção com comentários rotineiros, associados a confissões pessoais.

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, uma aldeia (gelada) na Ucrânia, no ano de 1926. Ainda recém-nascida veio para o Brasil com seus pais, morou em Alagoas e fixaram-se em Recife, onde a autora passou a infância e parte da adolescência – época em que ela costumava sentar-se à porta de casa e convidava as crianças que passavam para brincar. Em 1935, a família transferiu-se para o Rio de Janeiro. Desde a adolescência, Clarice mostrou-se interessada pela literatura; era uma leitora aplicada de Graciliano Ramos, Herman Hesse, Dostoiévski, Julien Green, Machado de Assis, José de Alencar, Júlio Diniz e Mário de Andrade. Coursou Direito na Faculdade Nacional e começou a trabalhar, primeiro com aulas particulares e traduções, e mais tarde como jornalista. Nesse período, começou também a efetivar sua carreira literária. Em 1943, tenta publicar seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, pela editora José Olympio, que o recusa. Publica-o no ano seguinte, pela editora A Noite. Pela obra, recebe o prêmio Graça Aranha. Um ano depois, tornou-se bacharel em Direito e casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, pai de seus dois filhos. Como embaixatriz, viveu até 1959 fora do Brasil, morando na Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Sua carreira literária evoluiu com sucesso, pois, quando volta ao país, seu nome estava consagrado e suas obras já mereciam estudos e teses aqui e no exterior. *A hora da estrela*, seu último romance, foi publicado alguns meses antes de sua morte, em 1977, provocada por um câncer.

Segundo Bastos, citando Waldman, falando de si própria Clarice escreveu:

Detesto dar entrevistas. Ora essa, sou uma mulher simples e um pouquinho sofisticada. Misto de camponesa e estrela do céu. Eu não tenho enredo. Sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver.

Há três coisas para as quais nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O “amar os outros” é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As

três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho de me apressar, o tempo urge.

Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

E nasci para escrever. Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo. (BASTOS, 1983. p. 1)

O depoimento de Clarice contradiz, de certa forma, a análise feita por Blanchot em sua obra *O espaço literário*. Ao falar sobre a “necessidade de escrever”, ele afirma que:

A necessidade de escrever está ligada à abordagem desse ponto onde nada pode ser feito das palavras, donde se projeta a ilusão de que, se for mantido o contato com esse momento, mas voltando ao mundo da possibilidade, “tudo” poderá ser feito, “tudo” poderá ser dito. [...] essa necessidade deve ser reprimida e contida. Se não for, torna-se tão ampla que não há mais lugar nem espaço para que se realize. (BLANCHOT, 1987, p. 46)

Blanchot ironiza a “liberdade” que a autora afirma possuir frente à escritura. Para ele, o escritor é mais servo que senhor, mais prisioneiro de sua escrita que um emancipado por ela, pois “a obra é o círculo puro onde, enquanto escreve, o autor expõe-se perigosamente à pressão que exige que ele escreva, mas também se protege dela” (BLANCHOT, 1987, p. 46). Essa suposta libertação sentida ao escrever, na verdade, “terá consistido em encerrar-se fora de si” (BLANCHOT, 1987, p. 47).

Em janeiro de 1977, surpreendendo muitas pessoas, a escritora comparece à TV Cultura para participar de uma entrevista. Nesse dia, aceita gravar um longo depoimento – o único concedido à tevê – ao jornalista Júlio Lerner, posteriormente reproduzido na revista *Shalom* (1992). Segundo Guidin (2002), nessa entrevista, entre outros assuntos, a autora fala sobre *A hora da estrela*. Afirmou ao repórter que

acabara de escrever uma novela com treze títulos. Fazendo mistério sobre o livro, dá o resumo da obra: “É a história de uma moça nordestina, de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é só isso, não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima.” (GUIDIN, 2002, p. 31). Quando solicitada a esclarecer o estímulo para a criação do texto, declara abertamente o processo de inspiração autobiográfica em que se baseou:

– Morei no Recife, [...] me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. Daí começou a nascer a ideia. [...]. Depois fui a uma cartomante e imaginei... que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história. (GUIDIN, 2002, p. 32)

Mencionada em algumas crônicas de *A descoberta do mundo*, a infância nordestina da autora, com seus modelos sociais, será lembrada em *A hora da estrela* por meio das personagens Macabéa e Olímpico. Guidin (2002) relaciona boa parte da história de Clarice Lispector à trajetória de *A hora da estrela*: Macabéa é orfã de pai e mãe e foi criada por uma tia que a maltratava e com quem se mudou de Alagoas para o Rio de Janeiro, lugar onde a tia morreu. Nesse processo de autofagia pela escritura Blanchot vê “o artista que se oferece aos riscos da experiência que é a dele” (BLANCHOT, 1987, p. 47) e que busca nela a sua libertação, contudo,

[...] não se sente livre do mundo, mas privado do mundo, não senhor de si mesmo mas ausente de si mesmo, e exposto a uma exigência que, ao repeli-lo para fora da vida e de toda a vida, torna-o vulnerável a esse momento em que nada pode fazer e já não é ele próprio.” (BLANCHOT, 1987, p. 47)

Clarice ficou órfã de mãe aos nove anos. Com base na relação com o pai, a figura masculina aparece, em geral, nos seus textos, como sinônimo de autoridade.

Meu pai queria que as três filhas estudassem música. O instrumento escolhido foi o piano, comprado com grande dificuldade. E professora mais gorda não podia ser. Era literalmente obesa e tinha mãos minúsculas. Era certo o seu nome: Dona Pupu. Para mim as lições de piano eram uma tortura [...] Eu preferia inventar a estudar [...] Tinha nove anos e minha mãe morrera. (LISPECTOR citada em GUIDIN, 2002, p. 14).

Guidin também destaca que a morte prematura da mãe é uma das marcas bastante insistentes na ficção de Clarice Lispector. Grande parte de seus textos trata de uma busca da identidade feminina e nessa busca aparece com frequência a ausência dos laços entre mãe e filha, fato constatado na crônica do dia 15 de junho de 1968, em que a escritora relata:

[...] fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. [...]. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, não me perdôo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. (LISPECTOR citada em GUIDIN, 2002, p. 14).

Embora *A hora da estrela* apresente uma novidade em face das demais obras da autora, ou seja, revela ações exteriores como o namoro de Macabéa e Olímpico e a ida à cartomante, o mais importante é a ação interior, sejam as divagações, digressões, ou a interferência do narrador, sejam as vivências e sensações interiores dessa fagulha de vida que é Macabéa. Ela é a protagonista do relato. Moça pobre e magra, alagoana, radicada no Rio de Janeiro, onde trabalha como datilógrafa. É vidrada em Coca-cola, admira Marilyn Monroe, sonha ser estrela de cinema e adora escutar radio-relógio. É feia, cheira mal por causa da falta de

banho e mantém-se virgem, mas sente desejos sexuais, que não conhece bem. Parece não ter vontade própria, deixa-se viver como uma pipa, deixando-se levar pelo vento de cada situação.

Como observa Guidin (2002), na última década de sua produção, cujo ponto decisivo vem com *A hora da estrela*, Clarice está indiferente a apreciações críticas e hipóteses sobre os tipos de representação literária. Essa indiferença vai além do que poderíamos julgar como capricho ou tédio de uma escritora diante da obra publicada e prestigiada. A escolha formal de gênero literário – um problema que Clarice sempre enfrentou – está além da necessidade vital e misteriosa do ato de escrever. Sua postura narrativa final será produzir textos fragmentários e simultâneos, fazendo circular personagens e temas entre eles. O resultado será uma obra ambígua, não mais romances, contos ou crônicas, “mas esta coisa aí”, como a escritora nomeia o tecido narrativo de *A hora da estrela*, na parte *Dedicatória do autor*.

Segundo Guidin (2002), a suposta “novela” *A hora da estrela*, trabalho final de uma escritora atormentada, subverte os sinais históricos e estruturais dos gêneros. Com treze títulos e sete personagens, dentre eles a própria “morte”, Clarice atinge o rosto do leitor com a história da nordestina e a angústia de seu autor-narrador: “Até tu, Brutus?!” (LISPECTOR, 1984, p. 98). Como narrativa contemporânea, problematizando a própria linguagem, *A hora da estrela* é um texto diante do qual uma rigorosa classificação de gênero é quase irrelevante.

Um aspecto dessa obra que desperta o interesse é o jogo do criador/criatura. Embora seja do conhecimento do leitor que a autoria de *A hora da estrela* é de Clarice Lispector, logo no início o narrador se identifica como Rodrigo S. M., autor, na ficção, do relato que se está construindo. No plano imaginário, a leitura é feita como se fosse simultânea ao ato de escrever. Segundo Guidin (2002), ele

constrói sua personagem, sua criatura, a nordestina Macabéa. Até aqui, temos então essa estrutura: Clarice > Rodrigo > Macabéa. Isto é, Clarice cria o escritor Rodrigo, que cria sua personagem Macabéa. Essa nordestina sonha ser estrela de cinema, isto é, também ela quer ser uma criadora de personagens, pois a estrela interpreta papéis, gera ou vive outras personagens. Invertendo, então, temos: personagem < Macabéa < Rodrigo < Clarice, o que significa dizer que a personagem criada por Macabéa a transforma em uma criadora. Ela, criadora, no entanto, nada mais é do que uma criatura, gerada pela mente do narrador Rodrigo. Mas esse criador, como sabemos, é apenas uma criatura, gerada pela mente da escritora Clarice Lispector.

Nessa obra, Clarice se revela mais que em qualquer autobiografia que tivesse publicado. Seu narrador funciona como “alter ego”, através do qual, pela palavra, pode ter “domínio sobre o mundo”. E, se “narrar é narrar-se”, Macabéa é narrativa de si mesma. É Clarice através do espelho. Blanchot diz que “o artista dá, com frequência, a impressão de um ser frágil que se enrosca assustado na esfera fechada de sua obra, onde, falando com sobranceira e agindo sem entraves, pode vingar-se de seus fracassos na sociedade” (BLANCHOT, 1987, p. 47). Na obra, o artista encontra refúgio, se protege do mundo, “da exigência que o atrai para fora” dele:

A obra doma e submete momentaneamente esse “lado de fora”, restituindo-lhe uma intimidade, ela impõe silêncio, confere uma intimidade de silêncio a esse lado sem intimidade e sem repouso que é a fala da experiência original. Mas o que ela encerra é também o que abre sem cessar. (BLANCHOT, 1987, p. 47).

Blanchot alerta que o ocultar-se numa obra é algo quase impossível, pois a negação pela linguagem torna-se uma afirmação. A linguagem, a palavra, é “fala como ausência”; “onde não fala, já fala; quando cessa, persevera”. Ou seja, a

linguagem é também palavra e escritura.

Não é silenciosa porque, precisamente, o silêncio fala-se nela. O próprio da fala habitual é que ouvi-la faz parte de sua natureza. Mas, nesse ponto do espaço literário, a linguagem é sem se ouvir. Daí o risco da função poética. O poeta é aquele que ouve uma linguagem sem entendimento. [...] Quando a neutralidade fala, somente aquele que lhe impõe silêncio prepara as condições do entendimento e, no entanto, o que há para entender é essa fala neutra, o que sempre já foi dito, não pode deixar de se dizer e não pode ser ouvido, entendido. (BLANCHOT, 1987, p. 45).

2.2 O NARRADOR

Para resolver os problemas dos outros, o narrador age com muita sabedoria, mas quando o problema é seu tende a sentir-se desnorteadado. Isso acontece porque se sente mais confortável em decidir as coisas sempre com a cabeça fria. Mas seu coração sempre se intromete nas dúvidas, e fica difícil mesmo decidir. Essas características se aplicam ao significado do nome do narrador de *A hora da estrela* - Rodrigo S. M⁴.

Alguns críticos, como Álvaro Lins e Sérgio Milliet, fizeram críticas a Clarice Lispector, inclusive à última obra publicada em vida – *A hora da estrela* – que consideraram um romance *falhado*, não só devido a certa inépcia da autora em lidar com temas ditos *sociais*, mas também pelas desnecessárias e, portanto, injustificadas intromissões hesitantes do narrador, que em nada enriqueceram a história da protagonista Macabéa, antes a prolongando indevidamente. Preferimos, no entanto, acreditar – como outra parcela de críticos – que:

⁴ O significado dos nomes de Rodrigo S. M., Olímpico, Glória e Madama Carlota apresentados neste trabalho, foram pesquisados no site: <http://www.significado.origem.nom.br/>

[...] os fatos vividos por sua personagem nordestina são, na verdade, oportuno pretexto para as reflexões de Clarice sobre o papel do escritor e, quiçá, da própria arte, num país de macabéas e olímpicos. Sim, pois [...] a culpa [...] traço marcante da personalidade não apenas de um simples narrador, mas de um narrador-autor, cuja profissão é escrever (carregando a culpa da escrita) [...]. Tal sentimento de culpa do narrador – “na verdade Clarice Lispector” – já se explicita no primeiro (posição estrategicamente significativa) dos treze títulos dados à história: “a culpa é minha”. O uso da primeira pessoa antecipa ao leitor certa atmosfera confessional que permeará o relato; e se a confissão culpada e culposa é relativizada com o aparente descomprometimento do terceiro título (“Ela que se arranje”), assumirá a configuração da impotência no décimo (“Eu não posso fazer nada”). Aliás, é que a impotência, ao que parece, o único aspecto que aproxima o narrador de sua criatura, já que a datilógrafa nordestina de corpo cariado traz como marca o desconhecimento de seu “direito ao grito”, como mostra o sétimo título: “Ela não sabe gritar”. (MARTINS, 1997, p. 22-23)

Já o crítico Antônio Cândido, citado por Guidin (2002), manifestou-se de maneira positiva: evitou a crítica que fala em influências literárias e, apesar de não ver no romance uma obra-prima, elogiou a ousadia expressional e os novos temas da escritora; ou seja, apostou num caminho de análise que evidenciava as experiências com a linguagem.

Ainda segundo Guidin, citando Borelli (1981), imediatamente após a crítica severa de Álvaro Lins a seu primeiro livro, Clarice confessa em cartas à irmã certo desânimo com a continuidade da carreira de escritora. Entretanto, apesar do abatimento inicial, havia ansiedade e expectativa pela apreciação de seu romance seguinte, por Antônio Cândido⁵: “– Que é que há sobre *O lustre*?” (BORELLI, citado em GUIDIN, 2002, p. 26), perguntava ela, já morando em Belém do Pará com o marido. “– Espero sempre notícias. Gostaria de ler uma crítica de Antônio Cândido.

5 Analisa o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, elogiando a ousadia estilístico-expressional da autora estreante, embora reconheça que a realização da obra é, ainda, inferior ao propósito.

Ele escreveu?” (BORELLI, citado em GUIDIN, 2002, p. 26).

A partir desse momento e de toda a produção posterior, Clarice Lispector enfrentará a busca de sua identidade como escritora mulher. Várias vezes, talvez para abrandar o temor das críticas, segundo Lerner, declarou que era, “na verdade, uma dona de casa que criava os filhos com a máquina de escrever no colo” (*apud* GUIDIN, 2002, p. 27). Ao fim da vida, reclamará que o “rótulo de escritora” a isola do mundo.

Comenta Guidin que o modo de narrar de Clarice Lispector começa a ser absorvido e imitado por uma geração de outras escritoras, que criaram no país uma linha, hoje em dia bastante ampla, de ficção feita por mulheres. Os textos de Clarice vão sempre perguntar: “Por que escrevo? Quem sou eu?”. Sabemos que em *A hora da estrela* essas questões são cruciais e obsessivas para o narrador, Rodrigo, que as divide com o leitor.

Dessa forma, ele se coloca como uma das personagens centrais do romance, já que dialoga o tempo todo com o leitor sobre o estilo de sua narrativa. No entanto, algumas vezes ele apresenta hesitações, inseguranças, que não são próprias do narrador onisciente, como o tradicional narrador dos romances de José de Alencar, por exemplo. Já o relato da experiência compositiva, criadora da história da nordestina, que é uma narrativa à parte, é feita em primeira pessoa, com o narrador Rodrigo S. M. desnudando-se ao leitor, tanto como pessoa, quanto como profissional da arte literária.

A história – determino com fato livre arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “*gran finale*” seguido de silêncio e de chuva caindo. (LISPECTOR, 1984, p. 32-33)

A importância do narrador decorre, portanto, do duplo processo narrativo por ele desenvolvido; paralelamente à história da nordestina Macabéa, vai narrando o próprio ato de narrar, desvendando, metalinguisticamente, “o drama da linguagem”, na feliz expressão do crítico Benedito Nunes. Disposto a “contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1984, p. 35), o narrador idealizado por Clarice declara que quer escrever da maneira mais simples, pois

[...] para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais? Mas não vou enfeitar a palavra, pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem (ela tem dezenove anos) e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome. (LISPECTOR, 1984, p. 34-35)

E acrescenta:

Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. (LISPECTOR, 1984, p. 40)

Reconhecendo que escrever não é fácil, o narrador-autor confessa ter medo de começar e ainda nem sequer sabe o nome da moça; a história da nordestina o desespera por ser simples demais, mas elaborá-la é muito difícil, “pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama.” (LISPECTOR, 1984, p. 39).

A luta do narrador-autor com a dificuldade da escrita está associada ao motivo que o leva a escrever: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de

relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” (LISPECTOR, 1984, p. 32). Para dar vida a essa moça ele escreve. Além disso, Rodrigo S. M. carrega um profundo sentimento de culpa em relação à precariedade da vida da moça, e o confessa: “Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga o fato de eu não a ser, sinto culpa como disse num título.” (LISPECTOR, 1984, p. 32-33).

Estudando a relação entre o sentimento de culpa do narrador-autor e a variação dos títulos que caracteriza a obra, Gilberto F. Martins afirma que:

[...] a variação dos títulos reafirma-se nas diversas configurações que a culpabilidade assume no discurso de Rodrigo. Uma delas diz respeito a certa inutilidade do fazer artístico, da função do artista e, mais particularmente, do escritor, numa sociedade em que o excesso de bolo para poucos impede muitos de comerem o pão (com ou sem salsicha). Rodrigo S. M. vacila entre a crença no dever de gritar ao mundo o drama da nordestina Macabéa (“O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre esta moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida”), sua própria autodefesa (“Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela”), a dura constatação da condição da obra como produto a ser comercializado pelo mercado literário (o que, conseqüentemente, denuncia a mercantilização de sua alma) e a culpa por sua alienada tarefa de escritor, ofício excluído, em certa medida, da real luta de classes (“... sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto... Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim”). (MARTINS, 1984, p. 40)

Assim, para o narrador, encarar e superar a luta com a escritura é o modo como tenta exorcizar essa culpa que o atormenta.

Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo, portanto não por causa da nordestina, mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força da lei”. (LISPECTOR, 1984, p. 38)

Essa “força da lei” que o motiva a escrever a história “– é claro que a história é verdadeira embora inventada –” (LISPECTOR, 1984, p. 32), é que impõe ao narrador a necessidade de buscar a plena identificação com a personagem:

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr só no nível da nordestina. (LISPECTOR, 1984, p. 40)

O processo de identificação com a protagonista leva o narrador a uma atitude ambivalente: o leitor percebe de imediato a profunda ternura de Rodrigo por Macabéa, mas frequentemente surpreende-o irritado por ela não reagir à miserável condição existencial em que se encontra. Essa identificação se explicita de modo exemplar no desfecho da narrativa, quando o narrador se une a ela definitivamente na morte, já que afirma: “Macabéa me matou.” (LISPECTOR, 1984, p. 43).

Ao registrar a primeira cena com a presença de Macabéa, observando-a a se olhar no espelho, o narrador é que se vê refletido: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos” (LISPECTOR, 1984, p. 111). É desse modo, pela identificação com a personagem, que Rodrigo S. M. revela-lhe a interioridade, ou seja, recusando tanto a prepotência do narrador onisciente quanto a impessoalidade do narrador meramente observador.

O crítico Eduardo Portella reconhece que

[...] o narrador assume, ao longo da história, três formas diversas de presença: a primeira delas faz do monólogo do narrador o fio condutor da ação e da reflexão, da linguagem e da metalinguagem. À proporção em que a temperatura trágica se eleva, as interferências monologais passam a desempenhar função supletiva de amortecedor do sistema, com a cumplicidade permanente do impulso. Irônico. Já

no segundo movimento, embora sem abrir mão das pausas ou das ingerências monologais, o narrador prefere o puro e simples relato, contanto, descrevendo (“Descrever me cansa”), mas retornando rapidamente à proteção vertical do monólogo. Só no terceiro desdobramento – e a conversa entre a moça e o rapaz no banco da praça pública constitui um escasso exemplo – o narrador passa a palavra a outro. A sua culpa era demais para que ele pudesse se ausentar da cena. Será oportuno falar-se em projeções de um narrador culpado? Não... (PORTELLA, 1977, p. 45)

Outro aspecto é a presença do tempo. Como observa Bastos (2010), se considerarmos o relato dos fatos da vida de Macabéa, o tempo cronológico é bastante breve. Embora não haja uma referência precisa à duração da história, os poucos acontecimentos que a constituem teriam ocorrido, quando muito, em algumas semanas. Mais significativo, no entanto, é o tempo psicológico e, nesse caso, interessa sobretudo o vivido pelo narrador.

De início, por exemplo, Rodrigo S. M. se pergunta: “eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final?” (LISPECTOR, 1984, p. 36). É um tempo em que se evidenciam a luta com a linguagem, o doloroso processo de identificação com a personagem, a angustiante inquietação de não saber como começar a história nem como ela terminará.

O tempo embaraça o narrador, que preferiria começar pelo fim. [...]. Depois de muitas hesitações, em que o narrador mais se narra do que faz progredir a ação narrativa, ele acaba começando pelo meio [...]. Assim, o narrador projeta respeitar o tempo do relógio, caminhar paulatinamente, mas luta contra hábitos inveterados. (SÁ, 1979, p. 270)

O processo de escritura, no caso do narrador, vai definir em grande parte os significados de sua temporalidade. Cinco minutos de redação são mais significativos do que semanas sem que o papel seja tocado. Além disso, há a oficina do escritor,

invisível no trabalho final, mas, mesmo assim, referenciada nos recursos metanarrativos constantes do livro. Para ilustrar isso, basta lembrar uma das primeiras afirmações de Rodrigo S. M.: “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.” (LISPECTOR, 1984, p. 31) Em outras palavras, isso quer dizer que para cada frase encontrada no livro – frases que são consumidas em questão de segundos pelos leitores –, horas, dias, talvez semanas tenham sido necessários para escrevê-las. No final das contas, essa observação vale para qualquer texto, mas a explicitação dessas temporalidades distintas e, ao mesmo tempo, a atribuição de valores diferentes para cada uma delas é uma característica de poucos textos, entre os quais está *A hora da estrela*.

Convém ressaltar que o recurso à ironia é uma maneira de dissimular a comoção que perturba Rodrigo S. M. ao longo de toda a narrativa, já que não se permite qualquer sentimento ou apelo ao sublime e chegando mesmo a afirmar que o que escreve qualquer outro escreveria, “mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”. (LISPECTOR, 1984, p. 34).

2.3 ENREDO

Segundo Guidin (2002), no longo monólogo metalinguístico que inicia o livro, o narrador já dá alguns dados sobre sua personagem: nordestina de Alagoas, virgem, ignorante, datilógrafa. Mas é só depois de registrar a primeira cena com a presença de Macabéa, a cena do espelho, que ele conta a condição em que vivia: “num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. [...]. O seu viver é ralo.” (LISPECTOR, 1984, p. 44). A moça trabalhava numa firma de representação de

roldanas e, como errava demais na datilografia, o chefe lhe comunicara que a despediria, mantendo apenas Glória, sua colega.

Como observa Guidin (2002), após Rodrigo S. M. declarar bruscamente que Macabéa era “incompetente para a vida”, o narrador relata suas origens: nascera raquítica, no sertão de Alagoas. Órfã aos dois anos, fora viver em Maceió com uma tia beata, que lhe dava cascudos no alto da cabeça e a privava da goiabada com queijo, a única paixão de sua vida. Com a tia, viera ao Rio de Janeiro e, quando a parenta morreu, passou a morar numa vaga de quarto com quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num sobrado da rua do Acre, cheia de ratos gordos, perto do cais do porto. Tinha apenas um luxo, além de ir uma vez por mês ao cinema: pintava de vermelho as unhas das mãos. Gostava de ouvir a Rádio Relógio, que dava hora certa e cultura, mas não sabia o que fazer com as informações; contudo, apaixonava-se por certas palavras, como “efeméride”.

No final da tarde do dia 7 de maio, no meio da chuva forte, Macabéa encontrou um namorado, nordestino como ela. Bastou olhá-lo “para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo” (LISPECTOR, 1984, p. 65). Quando ela lhe disse seu nome, o rapaz comentou que parecia nome de doença. Apresentou-se como Olímpico de Jesus Moreira Chaves. Na verdade, era apenas “de Jesus”, sobrenome dos que não têm pai. Era metalúrgico, e Macabéa achou que “metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe.

Quando se encontraram pela segunda vez também chovia, e o mesmo aconteceu no terceiro encontro; Olímpico acusou-a: “– Você também só sabe é mesmo chover!” (LISPECTOR, 1984, p. 66). Macabéa pediu desculpas.

Passeavam e aproveitavam o que era de graça, como banco de praça pública; já que não sabiam inventar acontecimentos, conversavam:

Ele – Pois é.

Ela – Pois é o quê?

Ele – Eu só disse pois é!

Ela – Mas “pois é” o quê?

Ele – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela – Entender o quê?

Ele – Santa virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela – Falar então de quê?

Ele – Por exemplo, de você.

Ela – Eu?!

Ele – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela – Desculpe, mas não acho que sou muito gente.

Ele – Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela – É que não me habituei. (LISPECTOR, 1984, p. 70)

Um dia, foram ao Jardim Zoológico; Macabéa pagou a própria entrada. A moça espantou-se com os bichos e, diante do rinoceronte, “teve tanto medo que se mijou toda” (LISPECTOR, 1984, p. 78). Disse a Olímpico que sentara num banco molhado.

Olímpico veio a conhecer Glória. “Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade.” (LISPECTOR, 1984, p. 82-83). Resolveu afastar-se de Macabéa, rompendo o morno namoro, e para isso informou-a que encontrara outra moça: Glória.

No dia seguinte, Macabéa tentou confortar-se dando-se uma festa: comprou um batom vermelho; pintou os lábios no banheiro da firma e olhou-se no espelho espantada, pois parecia que sangue tivesse brotado de seus lábios por causa de algum soco na boca. Glória riu-se dela.

Talvez para compensar ter roubado o namorado da colega, Glória convidou Macabéa para tomar lanche em sua casa na tarde de domingo. A nordestina impressionou-se com a casa que até telefone tinha, e com a fartura de comida.

Tomou tanto chocolate com leite e comeu tantas roscas açucaradas que, no dia seguinte, passou mal. Tinha vontade de vomitar, mas não vomitou para não desperdiçar “o luxo do chocolate”.

Glória lhe havia recomendado consultar um médico; quando recebeu o salário, Macabéa seguiu o conselho da colega. Depois de examiná-la, o médico barato que Glória lhe indicara perguntou-lhe se fazia regime, mas a moça não soube responder. Quando quis saber de que se alimentava, ela informou que comia cachorro-quente, às vezes um sanduíche de mortadela, café e refrigerante. Irritado – “Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles” (LISPECTOR, 1984, p. 91). – o médico disse que regime de cachorro-quente era pura neurose e mandou a nordestina procurar um psicanalista. Macabéa não entendeu e sorriu.

Após passá-la pelo raio-X, o diagnóstico que deu foi começo de tuberculose pulmonar; como não sabia se era coisa boa ou ruim, Macabéa educadamente agradeceu. O médico, então, sugeriu-lhe comer macarronada, que ela não conhecia, mas evitasse cerveja (seria melhor não beber álcool). Cansada, a moça repetiu: “– Álcool?” e o médico respondeu: “– Sabe de uma coisa? Vá para os raios que te partam!” (LISPECTOR, 1984, p. 92).

Glória, talvez por remorso, diz a Macabéa que com certeza teria outro namorado, pois Olímpico era definitivamente seu, conforme lhe garantira uma cartomante, que nunca errava. Acrescenta que Macabéa devia procurá-la, emprestaria até o dinheiro para pagar a consulta. Madama Carlota, ex-prostituta, pôs as cartas à nordestina e espantou-se: “Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror! Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.” (LISPECTOR, 1984, p. 100).

Madama, porém, disse que tudo iria mudar a partir do momento em que Macabéa saísse de sua casa. Conheceria um estrangeiro rico chamado Hans, que lhe daria muito amor, iria engordar e até teria mais cabelo. Exultante, Macabéa beijou madama Carlota. Saiu acreditando que sua vida já estava mudada. “Uma pessoa grávida de futuro.” (LISPECTOR, 1984, p. 104). Ao atravessar a rua, o Mercedes amarelo pegou-a. Antes que o carro fugisse, a moça teve tempo de ver que se cumpriram as predições de Madama Carlota, porque fora atropelada por um carro de luxo. Macabéa batera a cabeça na quina da calçada e agonizava, cercada de alguns curiosos que a espiavam, mas nada faziam por ela:

Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. Então – ali deitada – teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. (LISPECTOR, 1984, p. 109)

De repente, disse claramente uma frase que ninguém entendeu: “– Quanto ao futuro.” (LISPECTOR, 1984, p. 110). Nesse momento, sente enjoo e quase vomita, “querendo vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago: vitória! [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 110).

Morta, “Ela estava enfim livre de si e de nós” (LISPECTOR, 1984, p. 110). A morte de Macabéa, cuja descrição parece ser feita em câmera lenta, tomando várias páginas, é marcada por uma poça de sangue, sem brilho algum, em forma de estrela na calçada. A nordestina morre em total desprezo, jogada perto da sarjeta e do capim que nasce entre as pedras de um beco, e o narrador “a vê sofrer, extraindo estranho deleite de seu poder de salvá-la ou matá-la. Decide que ela deve morrer,

ainda que reconheça que matá-la é traí-la” (PEIXOTO, 2004, p. 207). Ao decidir-se pelo fim de sua personagem, negou-lhe o existir e diz que ela “era uma maldita e não sabia” (LISPECTOR, 1984, p. 109). Maldita, talvez, por estar numa cidade toda contra ela, sem identidade, por ser pobre, ou quem sabe por ser nordestina e não ter tido um futuro mais promissor.

2.4 MACABÉA: A PERSONAGEM PRINCIPAL

A personagem-protagonista, após a morte de seus pais, quando tinha dois anos de idade, passara a ser criada por uma tia beata, que nela muito batia. Por esse motivo, ela acumulara, em seu corpo franzino, a “herança do sertão” (LISPECTOR, 1984, p. 49), todas as formas de repressão física e cultural, deixando-a alheada de si e da sociedade. “Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (LISPECTOR, 1984, p. 48).

Dizem que nossa identidade começa em nosso nome. Então quem é Macabéia? Que identidade revela seu nome? Quando indagada, responde: “também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome” (LISPECTOR, 1984, p. 65). Não era chamada... não existia para os Outros – sua rejeição vem de berço e a acompanha pela vida. E quando recebe um nome é em homenagem à morte – a não à existência. Seu nome, Macabéia (Maca), pode ser entendido como um nome escolhido ironicamente, pois Macabéia parece aludir aos *Macabeus* dos livros bíblicos – considerados apócrifos (ocultos, escondidos) e portanto, rejeitados pela tradição - que em hebraico (מכבים ou מקבים, *makabim* ou

maqabim) significa "martelos". Eles foram integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de partes da Terra de Israel, lutando contra o domínio do Império Selêucida. Fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou Israel de 164 a 63 a.C.. Então que relação pode haver entre tais paladinos da fé e a passividade de Macabéia? Nenhuma e todas. Nenhuma, pois que antagoniza todas as "virtudes" dos "martelos" da fé judaica, seja porque "nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um **parafuso** dispensável (grifo meu)" (LISPECTOR, 1984, p. 50) que nunca chegaria a martelo, ou porque a beatice da tia não lhe pegara e "morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas" (LISPECTOR, 1984, p. 50). O anonimato e a rejeição de Macabéia já vêm, portanto, marcados desde a escolha do nome, "embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica" (LISPECTOR, 1984, p. 52).

Pobre, deslocada na cidade grande, tem uma vidinha "rala", anônima, mas não se dá conta dessa realidade. Dormia de combinação de brim e nas noites frias enroscava-se em si mesma. Tinha manchas no rosto, que procurava disfarçar com grossa camada de pó branco. Raramente se lavava, daí seu cheiro um tanto murrinhento. "Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio." (LISPECTOR, 1984, p. 48). Alimenta-se mal: às vezes, à noite, sentia fome, então mastigava bem papel e o engolia; sua saúde era frágil, tinha constante vontade de vomitar⁶, mas resistia porque não podia dar-se ao luxo de desperdiçar comida. Nem reconhecia sua própria sexualidade. Aceitava sem reflexão a mesquinha rotina, indo e vindo da rua do Acre, onde morava, indo e vindo da rua do Lavradio, onde trabalhava; recebia salário miserável e aceitava as ameaças do chefe arrogante e insensível. "Essa

6 O problema com vômito, na maioria das vezes, psicologicamente remete às questões típicas fase oral, como à carência afetiva, sobretudo materna e à necessidade de falar e expor sentimentos danosos à psique.

moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz.” (LISPECTOR, 1984, p. 48). Sua diversão era ir ao cinema uma vez por mês, ouvir a Rádio Relógio e ler à luz de velas os anúncios que recortava de jornais velhos do escritório. Um dia de grande felicidade foi um dia de solidão; dissera ao patrão que iria arrancar um dente e faltaria ao trabalho; quando suas companheiras de quarto, as quatro Marias – da Penha, Aparecida, José e Maria, apenas – saíram já cansadas para o trabalho, mal acreditava que tinha todo o espaço para si. Achou que nunca fora tão contente na vida.

Quando conheceu Olímpico, aceitou também dele os maus-tratos e as humilhações. No primeiro encontro, pararam, silenciosos, diante de uma loja de ferragens. Temendo que o silêncio significasse uma ruptura disse ao machinho arrogante: “– Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” (LISPECTOR, 1984, p. 66). Um dia revelou ao namorado seu sonho de ser artista de cinema, acrescentando que adorava artistas e perguntou a ele se sabia que Marilyn era toda cor de rosa. O que ouviu em resposta foi: “– E você tem cor de suja.” (LISPECTOR, 1984, p. 76).

Tratada com desrespeito pelo namorado, pelo médico e enganada pela prostituta-cartomante, não tem consciência de sua situação de humilhação e ofensa. Por isso, não se dá “o direito ao grito” (LISPECTOR, 1984, p. 105). No entanto, a força “guerreira” de Macabéa estava na resistência contra a opressão dos que se julgavam mais poderosos do que ela, explicada pelo fato de o narrador identificá-la ao capim, o extrato mais resistente da vegetação. De acordo com tal leitura, o nome da personagem não seria motivado ironicamente, o que repõe a questão, tematizada pelo texto, da complexidade da escritura, capaz de produzir simultaneamente múltiplos sentidos.

Um dos poucos momentos de busca de identidade da personagem-protagonista processou-se quando ela se olhou, maquinalmente, no

[...] espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, 1984, p. 46)

Mas Macabéa não existe, embora o deseje. A “única coisa que queria era viver. Não sabia para que, não se indagava”. Para Campedelli (1988), a imagem que predomina é a do narrador, Rodrigo S. M./Clarice Lispector, presente em todo o texto, moldando a personagem à sua imagem. “Antes de nascer ela era uma idéia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer?” (LISPECTOR, 1984, p. 49). Aqui questionam-se narrador e autor. Mas seria um questionamento voltado ao futuro/ser da personagem ou de Rodrigo e Clarice como criadores? A obra exige do escritor que ele perca toda a natureza, todo o caráter, e que:

Ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo pela decisão que o faz “eu”, converta-se no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal. Exigência que não é uma, porquanto nada exige, é desprovida de conteúdo, não obriga, é tão-só o ar que se deve respirar, o vazio sobre o qual se paira, a usura do dia onde se tornam invisíveis os rostos que se prefere. (BLANCHOT, 1987, p. 50)

Há, também, outras vezes em que Macabéa (a “obra” em construção, como num processo alquímico) ao se olhar no espelho – o mesmo espelho borrado – assim que rompera com Olímpico – passa em seus lábios um batom vermelho como busca da identidade desejada: a da estrela, Marilyn Monroe. Segundo Bachelar (1993), diante do espaço poético, o sujeito depara-se constantemente com

devaneios, pois são momentos intersubjetivos de sublimação e transcendência individual. “A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é um eco do passado” (BACHELAR, 1993, p. 76). Ou seja, o devaneio “imagem” nasce de uma concepção interior do ser e não das estruturas produtivas materiais. Diante da topofobia, este ser vive momentos de devaneios como sendo manifestações que rogam uma transposição a um mundo inverso ao que está vivendo. Macabéa sonha com outro espaço poético, menos topofóbico e revela que o que mais queria na vida “era ser artista de cinema”. “Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas.” (LISPECTOR, 1984, p. 53). Há um desejo de fuga de um mundo sufocante e que lhe exige o que não pode dar: ação e força.

Esses e outros exemplos comprovam que a narrativa desvenda a problemática interior da protagonista e, à medida que Rodrigo S. M. nos faz conhecê-la, também nos mostra (e vai descobrindo, com a ajuda da metalinguagem e da criação literária) a sua própria identidade e, por extensão, a identidade da autora. Bachelar (2006), em outra obra, afirma que “os devaneios poéticos nascem também, seja qual for o lar distante, das forças vivas da linguagem. A expressão reage fortemente sobre sentimentos expressos” (BACHELAR, 2006, p. 154).

Por meio das palavras da cartomante, embora mentirosas, Macabéa tem a revelação epifânica da grandeza do ser. Assim, sua fortaleza nasce sob a égide da palavra, conforme é explicitado pelo narrador: “Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina.” (LISPECTOR, 1984, p. 104). Desde o princípio, ela já sabia que o “não saber fazia parte importante de sua vida” (LISPECTOR, 1984, p. 50), mas o que fazer com o conhecimento adquirido,

com a experiência epifânica do saber-se ser?

Sua morte completa o processo natural do ser que ao se descobrir não encontra mais sentido em existir do modo anterior. Macabéa/Clarice descobre seu destino de “martelo”, de estrela, que extrapola o restrito espaço romanesco para se tornar lenda como os Macabeus. Macabéa morre, “como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um” (LISPECTOR, 1984, p. 50). Rompe com seu espaço topofóbico, de rejeição/negação, para ascender à topofilia plena, uma vez que a morte “tem sempre lugar num mundo”,

[...] é um evento do mundo maior, evento situável e que nos situa a nós mesmos em alguma parte. A morte é um acontecimento importante, mas não é o paradoxo de um fato brutal sem verdade: é relação com outro mundo onde, precisamente, o verdadeiro teria sua origem, é o caminho da verdade e se lhe falta a caução das certezas apreensíveis que são as nossas aqui embaixo, possui a garantia das certezas inacessíveis, mas inabaláveis, do eterno. (BLANCHOT, 1987, p. 93).

Nesse sentido, a morte da protagonista, da obra/criatura, pode ser considerada, simbolicamente, a preservação desse momento de êxtase e se constitui no momento máximo de sua intensidade vital, perpetuando-a na condição almejada de palavra dita e na “libertação” do autor/artista pela obra realizada.

2.5 OLÍMPICO DE JESUS: UM CASO DE AMOR

Como observa Guidin (2002), o encontro de Macabéa com Olímpico recebe um tratamento narrativo irônico dentro da estrutura do livro. O que o leitor lê é a reprodução precária e imprecisa da cena escrita anteriormente, diante das desculpas

do autor, que explica: sua cozinheira jogou as três páginas do encontro no lixo (LISPECTOR, 1984, p. 64). O início do caso de amor virá resumido e empobrecido.

Originário do grego “Olimpikus” e referente ao monte Olimpo, local onde habitavam os deuses da mitologia, o nome da personagem – segundo a vasta literatura esotérica – indica pessoas: que valorizam tanto as qualidades estéticas – “nas horas vagas esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia” (LISPECTOR, 1984, p. 68), quanto os valores éticos, quando se propõem a iniciar uma nova amizade; que assumem qualquer responsabilidade, assim como também resolvem todos os problemas e se emocionam com todas as situações. Pode nomear, também, alguém que é capaz de ficar dias em silêncio curtindo sua mágoa quando alguém o fere – “matar tinha feito dele homem com letra maiúscula” (LISPECTOR, 1984, p. 68). Além disso, a pessoa com esse nome deve tomar muito cuidado para que a manipulação da vida dos outros não se torne uma obsessão.

Como no nome da Macabéa, Olímpico parece representar o oposto do que seu nome indica. A sensibilidade estética e os valores éticos passam longe dele. É interesseiro e vingativo. Dessas características apresentadas, somente as negativas parecem fazer sentido quando o visualizamos nas descrições e nas ações apresentadas: “não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si a dura semente do mal, gosta de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida” (LISPECTOR, 1984, p. 70).

Embora pertencesse, como Macabéa, “a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (LISPECTOR, 1984, p. 105), Olímpico não tem a passividade e o conformismo da protagonista. Vinha do sertão da Paraíba, trabalhava como operário numa metalúrgica, mas não se dizia operário.

Com grande força vital, estava determinado a ascender a uma posição social superior – chegar ao cume do monte, reinar.

Chegara a juntar dinheiro para arrancar um dente canino perfeito a fim de substituí-lo por um de ouro, o que o fazia acreditar ter já uma posição na vida. Seu sobrenome era “só de Jesus”, mas acrescentara o “Moreira Chaves”, altissonante. Tinha talento para as artes plásticas, mas o que perseguia era mesmo a riqueza; um dia, quando Macabéia observou que as boas maneiras são a melhor herança, respondeu-lhe: “– Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico – disse ele que tinha uma grandeza demoníaca: sua força sangrava.” (LISPECTOR, 1984, p. 68).

Olímpico interessava-se pelos negócios públicos, adorava ouvir discursos; para si mesmo dizia que era inteligente e ainda seria deputado, o que, segundo o narrador, acabou conseguindo, pois

[...] tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca. [...] Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. Era mais passível de salvação que Macabéia, pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. (LISPECTOR, 1984, p. 80)

É essa consciência da própria força e determinação que o leva a espezinhar e desprezar Macabéia; é o motivo que não o faz titubear em trocá-la por Glória, já que “o fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país.” (LISPECTOR, 1984, p. 82). A fim de impressioná-la, mastigou pimenta-malagueta e nem tomou água depois para aliviar o fogo nas entranhas, pensando “que seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro. No mundo de Glória, por exemplo, ele ia se locupletar, o frágil machinho.”

(LISPECTOR, 1984, p. 89). O narrador, porém, perdoa ao “frágil machinho”. Parodiando a famosa frase de Euclides da Cunha em *Os Sertões* (“O sertanejo é antes de tudo um forte.”), diz: “O sertanejo é sobretudo um paciente. Eu o perdô.” (LISPECTOR, 1984, p. 89).

2.6 GLÓRIA, A CONCORRENTE

Colega de trabalho de Macabéa, Glória é carioca, filha de um açougueiro, gorda, amaneirada no bamboleio do caminhar, revelando ascendência portuguesa e africana. Pele branca e cabelos crespos pretos, mas que ela oxigenava sempre. Não hesitou em tirar o namorado da “amiga”, o que a nordestina aceitou, pois entendeu uma coisa: “Glória era um estardalhaço de existir.” (LISPECTOR, 1984, p. 84). E para a nordestina isso se devia ao fato de ser gorda, já que ouvira em Maceió um rapaz dizer para uma moça gorda, na rua: “[...] a tua gordura é formosura.” (LISPECTOR, 1984, p. 85).

Seu nome, de origem latina, significa “renome”, “fama”, “reputação”. Mas, em sentido pejorativo, também significa “fanfarronice”, “jactância”. Em sentido figurado, o nome “Glória” se aplica ao ornato, enfeite e à vaidade. E esses últimos significados se aplicam com justeza à nossa Glória.

Fôra realmente essa compleição de Glória que atraíra de início Olímpico, embora a estenógrafa fosse feia: bem alimentada, era material de boa qualidade. Consciente da sedução que exercia sobre o nordestino disposto a subir na vida,

Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor. Sabia que tinha o sestro molengole da mulata, uma pintinha marcada junto à boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. Sua boca era loira. Parecia até um bigode. Era uma safadinha esperta, mas tinha força de coração. (LISPECTOR, 1984, p. 88).

Para os estudiosos dos significados de nomes, Glória é um nome que carrega consigo a personalidade de uma pessoa séria e de grande honestidade no meio profissional, que busca a perfeição em tudo e se aborrece quando as coisas não saem conforme o planejado. Alguém que reflete muito antes de agir, e quando toma uma decisão é capaz de mergulhar de cabeça no que está fazendo e esquecer todo o resto à sua volta.

De fato, embora sem escrúpulos, tivesse tirado Olímpico de Macabéa, penalizava-se com a colega: dava-lhe aspirinas quando Macabéa confessava que lhe doía por dentro, sugere-lhe a ida ao médico, tenta compensá-la com o farto lanche de um domingo e propõe emprestar-lhe dinheiro para pagar consulta à cartomante que lhe revelaria seu destino. No entanto, trata-se de uma piedade superficial, que não se traduz em efetiva solidariedade: “Penalizava-se com Macabéa, mas ela que se arranjasse, quem mandava ser tola? E Glória pensava: não tenho nada a ver com ela.” (LISPECTOR, 1984, p. 88).

Glória se perfumava, fumava cigarros mentolados e recebia vários telefonemas, que Macabéa invejava por intuí-los como prestígio social. Pertencente a uma terceira classe de burguesia, como diz o narrador, conhecia alguns segredos baratos de sedução e erotismo, suficientes para seus poucos anseios de vida e liberdade. Expressa com eficiência seu movimento corporal quando rebola ou manda beijos com as pontas dos dedos. Loura oxigenada, gorda e extrovertida, Glória representava para Olímpico o desejado ingresso no clã do sul, pois era “carioca da gema” (LISPECTOR, 1984, p. 82).

Assim, segundo Guidin (2002), Macabéa se vê de súbito confrontada com outra mulher, a que tem tudo: corpo sedutor, família organizada e desenvoltura profissional. No processo de sucessivas perdas da protagonista, nem sequer um

triângulo amoroso aparece, pois a decisão de Olímpico, ao compará-las, é irrecorrível:

[...] ele soube que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a material de primeira qualidade. [...]

Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. (LISPECTOR, 1984, p. 83)

Ainda de acordo com Guidin (2002), ironizando, em registro vulgar, conhecidos mecanismos de ascensão social por intermédio do relacionamento amoroso, o novo casal mostrará a Macabéa, ainda uma vez, o que ela não possui: sensualidade e competência para a integração social. Pontilhada por tantos lugares comuns, a história de Macabéa passa pelo senso comum da trivialidade, que, de acordo com o tom do texto, tende sempre à ironia e à paródia.

2.7 MADAMA CARLOTA: A CARTOMANTE

Ex-prostituta, com o avançar da idade não pôde mais exercer a profissão. Então, torna-se cartomante e diz-se médium, para convencer os clientes da veracidade de suas previsões. O narrador descreve-a de maneira muito breve: “madama era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado” (LISPECTOR, 1984, p. 97).

Seu nome, apelido de Carla, significa fazendeira e indica alguém que, pela aguçada capacidade de observação, consegue descobrir até o lado oculto das outras pessoas, mas nunca usa esse dom de forma inescrupulosa. Age sempre com polidez e expõe suas ideias sem ser autoritária. Pessoa charmosa, amável e

expressiva, muito criativa e um tanto curiosa. Tem certa dificuldade na concentração e como gosta de compartilhar tudo com os outros é o tipo de pessoa que não consegue guardar suas ideias só para si. Sempre de bom astral, é daquelas que adora festa. Só tem um problema: enfeitar demais a realidade, exagerando na dose e não conseguindo controlar sua mania de falar.

Como as outras personagens, o nome dessa personagem parece uma ironia da autora, pois o comportamento de madama não condiz com as qualidades aventadas pelo seu significado. Condiz, até, porque ela inventa uma realidade para Macabéa. Invocando sempre Deus, Jesus, afirmando a confiança neles para fazer valer sua “verdade”, essa personagem se trai por sua linguagem. Uma leitura atenta da cena da consulta revela ao leitor que, nas falas da cartomante, são frequentes palavras no diminutivo: “– Não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha. – Quanto ao presente, queridinha, está horrível também. Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, coitada de vozezinha.” (LISPECTOR, 1984, p. 97).

Exagerada em suas manifestações de carinho, chega a assustar Macabéa, que não estava acostumada com isso. Podemos observar que a frequência de diminutivos visa a sugerir sua falta de afetividade e familiaridade, os principais recursos de que dispõe para explorar a ingenuidade dos clientes.

Como observa Guidin (2002), de acordo com as previsões da cartomante, Macabéa também passará do desemprego iminente à estabilidade e ao reconhecimento profissional e amoroso: “Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar a propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!” (LISPECTOR, 1984, p. 101).

Ainda segundo Guidin (2002), recuperando-se, por meio de suas palavras, Macabéa recebe o exuberante futuro de uma feminilidade bem sucedida: vai

engordar, ganhar busto, terá cabelos sedosos, dinheiro e casaco de pele. E, sobretudo, vai se casar com um homem estrangeiro, loiro e rico – numa oportuna superioridade sobre os projetos sociais de Olímpico, que a havia trocado por Glória, “carioca” apenas.

O discurso da cartomante é tão eficaz que a moça sai de sua casa confusa com a realidade, totalmente transfigurada:

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras [...]. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. (LISPECTOR, 1984, p. 104)

Assim como o processo de desconstrução de Macabéa foi lento e desgastante, para Guidin (2002), seu ingresso no mundo ilusório das profecias está formalmente marcado, passo a passo, por entre o discurso de Madame Carlota: “assustada”, “boquiaberta”, “mãos trêmulas”, “com o coração grato”, “como trombeta vinda dos céus”, “com voracidade de futuro”, “tremelicando de felicidade”, “bêbada e desorientada”.

Assim, Olímpico de Jesus, Glória e Madama Carlota revelam um traço comum ao contracenarem com Macabéa: são todos personagens que, por contraste à incapacidade verbal da moça, possuem uma superioridade discursiva que viabiliza sua integração na cultura urbana. Como afirma Guidin (2002), entre outras coisas, para sobreviver é preciso falar, pensar, discursar, prometer. Macabéa, silenciosa ou boquiaberta, fica subjugada a todos eles.

3 MIGRAÇÃO E REGIONALISMO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Esta parte do trabalho tem como objetivo fazer uma análise do espaço geográfico⁷ que enfoca o homem organizado em sociedade, modificando, através do seu trabalho, o território e protagonizando, deste modo, um contínuo processo de reestruturação espacial e social, presentes na obra *A hora da estrela*, em cada um de seus personagens.

Como observa Guidin (2002, p. 63), a história de Macabéa transcorre em zona suburbana e pobre do Rio de Janeiro. Transferindo a personagem de seu meio nordestino de origem, Alagoas, Clarice Lispector registra o problema da migração e da absorção cruel do nordestino ao meio urbano do sul e sudeste do país, onde ele se defronta com diferentes valores socioculturais. O contraste campo-cidade, rural-urbano, é recorrente na obra de Clarice e traz consigo problemas de adaptação existencial da personagem.

Esta parte do trabalho parte da hipótese de que as imagens criadas em torno da figura nordestina correspondem a classificações reducionistas e pejorativas. Sendo assim, busca-se discutir o processo de migração do nordestino e sua trajetória ao sul do país, bem como os problemas que causam sua exclusão.

Segundo Almeida (2008), o Nordeste geralmente é encarado negativamente, tendo como representação simbólica a seca, a fome, a figura do retirante, o casebre característico, o atraso em relação aos usos e costumes modernos, etc. Essa situação é resultado de uma postura política ideológica da maioria, que acaba por criar uma imagem dessa região a partir de recortes descontextualizados e

7 O espaço geográfico é construído e reconstruído pelas sociedades humanas, ao longo do tempo, por meio do trabalho. Para tanto, as sociedades utilizam as técnicas de que dispõem segundo o momento histórico e segundo suas crenças, normas, seus valores e interesses econômicos, ou seja, de suas representações. Assim, podemos afirmar que o espaço geográfico possui historicidade, sendo formado a partir da territorialização ou desterritorialização do espaço.

tendenciosos de sua trajetória cultural, social, política e econômica. Neste contexto de generalização e deturpação, a imagem do Nordeste foi relegada a um estatuto de atraso e inferioridade, contrapondo-se à superioridade e à modernidade urbana da região sulista.

De acordo com Barbosa (2001), em *A hora da estrela*, existe a possibilidade de o homem moderno, em um mundo capitalista, vencer na vida por esforço próprio.

Neste texto, Lispector também constrói raça, dinâmica entre os sexos e relações de classe como um problema geopolítico. Ela apresenta as questões das migrações do Nordeste aos grandes centros industriais do Brasil (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo) como uma forma de colonização dentro do próprio país. Considerado menos educado, pobre e feio, o migrante nordestino tem um papel semelhante ao que os imigrantes desprivilegiados têm nos países considerados do “primeiro mundo”. (BARBOSA, 2001, p. 87)

O personagem Olímpico de Jesus migra para o Rio de Janeiro e, mesmo sendo despreparado e desprivilegiado, vai tentar realizar o sonho de sucesso financeiro e político. Essa situação é confirmada na obra de Maria José Somerlate Barbosa:

A passagem cômica em que Olímpico conta a Macabéa sua fantasia de um dia vir a ser deputado torna-se um comentário mordaz sobre o despreparo intelectual de muitos políticos. Frequentemente, os candidatos, especialmente a vereadores e deputados estaduais, têm pouquíssima ou nenhuma experiência e treinamento (em algumas regiões e cidades do interior, eles são analfabetos). Dispor de meios financeiros para fazer a campanha e ganhar os votos do povo é basicamente o único requisito para se começar uma carreira que pode dar aos candidatos (e às suas famílias e amigos) emprego fácil, bom salário, muitos benefícios e poder social e político. (BARBOSA, 2001, p. 87-88)

Uma vez aceitas tais premissas, o estudo das diversas dimensões que envolvem a migração mostra-se especialmente adequado para o enfoque proposto, já que serão analisadas a partir de uma resenha de ideias de Paul Singer:

- As migrações são elementos constitutivos do espaço geográfico. Elas não ocorrem apenas como consequências de eventuais “desequilíbrios” econômicos, sociais ou demográficos: mais que isso, os deslocamentos da população trabalhadora constituem-se em elementos centrais da organização espacial de uma sociedade. A distribuição territorial da população é essencialmente dinâmica e apresenta-se, a cada momento histórico, como condição para a realização dos diversos processos sociais.
- As migrações contribuem, ainda hoje, para a intervenção sobre a natureza, na medida em que se expressam como movimentos de ocupação territorial. O caso brasileiro é suficiente demonstrativo disso, uma vez que apresenta processos de ocupação em regiões que, se não são “vazios” demográficos, encontram-se em momentos de redefinição demográfica e econômica, com nítidas implicações ambientais.
- As migrações só podem ser compreendidas dentro do contexto da constituição e das modificações do mercado de trabalho. Elas não são, de forma alguma, “fenômenos demográficos” que pairam acima da realidade do mundo do trabalho. São, portanto, afetadas tanto pelo nível de emprego, quanto pelas condições de remuneração da força de trabalho, pelos conflitos de classe e pelas modificações nas relações de trabalho. Simultaneamente, exercem influência sobre esses mesmos processos.
- As migrações estão, finalmente, enraizadas no contexto social e a sua ocorrência associa-se frequentemente a movimentos de transformação na sociedade. No caso do meio rural brasileiro, a intensificação dos movimentos migratórios vem sinalizando, por exemplo, modificações significativas na distribuição da propriedade da terra, na produtividade agrícola e nas

relações sociais de produção.

3.1 AS MIGRAÇÕES INTERNAS

Para entender as migrações internas, ocupamo-nos da distribuição da população brasileira, efetuada sob a forma de migrações internas motivadas pelas sucessivas modificações da divisão inter-regional do trabalho. Não se trata de uma relação de causa e efeito total, mas há uma interdependência, já que a grande concorrência de população pode valorizar uma determinada área, aí desenvolvendo serviços e, assim, atraindo mais população – área de atração – como o Rio de Janeiro, por exemplo, cidade para onde veio a protagonista do romance *A hora da estrela*.

Assim, podemos definir as migrações como “um mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta, em última análise, ao rearranjo espacial das atividades econômicas” (SINGER, 1979, p. 34). Elas fazem parte das transformações estruturais pelas quais passa a sociedade brasileira, isto é, são, ao mesmo tempo, fatores e resultados do processo de transformação.

No Brasil, onde as estatísticas ainda são tão incompletas, há grandes dificuldades para se analisar as migrações, mesmo em termos numéricos. Isso se deve, em primeiro lugar, ao fato de o IBGE considerar migrante “o indivíduo que tendo nascido ou residido anteriormente num município foi recenseado em outro” (IBGE, 2010). Sendo assim, essa conceituação não considera migrante o indivíduo que se muda da zona rural para a urbana dentro de um mesmo município. Outro complicador, na análise das migrações, é que se considera apenas a última mudança, sem levar em conta o passado migratório. Por fim, deve-se ressaltar que

não se considera como migrante o indivíduo que, depois de migrar, retorna a seu município de origem.

Em segundo lugar, ao se analisar o êxodo rural como movimento migratório, deve-se lembrar qual o conceito de população rural e urbana, no Brasil. Considera-se população urbana aquela residente na sede do município (cidade) ou na sede dos distritos (vilas), não se levando em conta nem o número de habitantes, nem a infraestrutura local, nem as atividades da população. Assim, são consideradas áreas urbanas até os pequenos aglomerados sem a menor qualificação em serviços (setor terciário), e com uma população predominantemente ligada ao setor primário. Maximiza-se assim a forte urbanização⁸ brasileira.

3.2 CAUSAS DAS MIGRAÇÕES

Como já se afirmou, há uma relação muito forte entre as migrações e a localização geográfica da produção. Na evolução da economia brasileira houve várias mudanças nessa localização. De acordo com a ênfase dada pelo mercado a um determinado tipo de produção, uma região sofria uma valorização econômica maior do que outras. Assim o centro da economia brasileira já esteve no Nordeste, na região das Minas Gerais, e hoje está nas zonas urbanas industriais do Sudeste.

De início foram os índios (expulsos de suas terras para dar lugar à lavoura canavieira) a migrar para o interior. Este movimento continuou por quatro séculos, na medida em que a “economia moderna” tem exigido sempre as terras indígenas para se instalar. Nos séculos XVII e XVIII, agricultores sem terra no litoral nordestino migraram como vaqueiros para povoar o sertão. Muitos escravos do açúcar foram

⁸ Considera-se urbana aquela população que, expulsa das áreas agrícolas, desloca-se e vai residir na periferia das pequenas, médias ou grandes cidades, continuando a exercer atividades agrícolas.

vendidos para as minas.

No século XIX, a migração se intensificou. A lavoura canavieira entrou em crise e muitos escravos foram vendidos para a lavoura algodoeira do Maranhão, para a de café no Sudeste, e ocorreu ainda o deslocamento de muitos trabalhadores livres para a Amazônia, valorizada pelo extrativismo da borracha.

No século XX, a partir de 1930, as migrações assumem um caráter mais geral e adquirem um volume impressionante (quase um terço da população brasileira é composto de migrantes): são nordestinos que vêm para o Sudeste urbano e rural (as novas áreas cafeeiras); são sulistas abrindo novas frentes pioneiras agrícolas; são nordestinos e sulistas indo trabalhar no Centro-Oeste e na Amazônia; são milhões de trabalhadores sem terra que se deslocam como “volantes” à procura de trabalho; são habitantes das áreas rurais que, expulsos de suas terras de agricultura (agricultura familiar, de subsistência), são atirados nas periferias, nas favelas e nos “alagados” das cidades.

São condições políticas, econômicas e sociais que marginalizam grande parte da população denominada nortista. Nesse sentido, os retirantes têm suas trajetórias ditadas pela seca e as migrações denunciam a situação de miséria e exploração à qual se submetem. O que antes assegurava boas condições de hospedagem, como para os emigrantes estrangeiros, no período de modernização sulista, repercutiu no inchaço das metrópoles e, conseqüentemente, por falta de espaço, os nordestinos passaram a ocupar os cortiços nas favelas das grandes cidades. Isso pode ser explicado na passagem que retrata onde Macabéa, a protagonista da obra *A hora da estrela*, morava: “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre prostitutas [...]. O cais imundo [...].” (LISPECTOR, 1984, p. 51)

É toda uma população se deslocando de acordo com as necessidades de um modelo econômico concentrador de renda tanto em nível espacial quanto social. Podemos dizer que, no Brasil, o modo de produção capitalista é amplamente dominante. Mas, ainda que dominante, demonstra a sua origem colonial agrária, escravista, exportadora e apresenta inúmeras limitações ao seu próprio desenvolvimento. Se até décadas recentes o capitalismo brasileiro era dominado pelo latifúndio agroexportador, atualmente predomina um importante crescimento industrial concentrado no Sudeste, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, que impõe aos outros setores da produção um novo modelo de relações que, por definição, sempre será mais vantajoso para esses centros.

O grande crescimento industrial é acompanhado de um enorme crescimento urbano, que não pode ser atribuído apenas às indústrias, mas principalmente às características da estrutura agrária brasileira. Esta, dominada pelo latifúndio e sofrendo, recentemente, intensas transformações, acrescenta constantemente novos contingentes populacionais a essa urbanização sociopática.

As áreas rurais brasileiras constituem uma realidade bastante complexa. Se, de um modo geral, podemos dizer que há predominância do latifúndio e da agricultura de exportação, a difusão do capitalismo e da modernização se faz de maneira diferenciada, de acordo com as características apresentadas pelas diferentes regiões. Se, de um modo geral, a agricultura vem se tornando cada vez menos importante em relação à indústria, em termos regionais a situação é bem diversa. A participação do Nordeste, do Sul, do Centro-Oeste e da Amazônia na produção agrícola brasileira vem se elevando ano a ano, da mesma maneira que se eleva a participação do Sudeste na produção industrial.

Podemos concluir que, numa economia tão fortemente polarizada, as transformações na agricultura vão se apresentar bem diferentes de uma região para outra. No Sudeste e no Sul, apesar do predomínio espacial e econômico do latifúndio, houve uma maior divisão da propriedade. Hoje, nessas regiões, ao mesmo tempo em que se processa uma forte concentração fundiária pela compra ou desapropriação das pequenas propriedades e pela extinção das formas não capitalistas de produzir, acelera-se a adoção de maquinários e de sistemas agrícolas mais intensivos. Isso quer dizer que as pessoas que antes possuíam os meios de produzir (a terra e os implementos ou apenas os implementos) transformam-se em proletários rurais que passam a oferecer sua força de trabalho a quem dela necessita.

No Nordeste o latifúndio permanece dominante e se moderniza (embora mais lentamente do que no Sudeste) com base em programas governamentais. No Centro-Oeste e na região Norte grandes latifúndios se instalam ou se fortalecem à custa do desalojamento de posseiros, índios e alguns pequenos proprietários que, geralmente pela força, perdem as terras em que vivem. Nessas regiões a terra é adquirida pelos latifúndios como reserva de valor, isto é, de forma especulativa. A terra é monopolizada com vistas a uma futura valorização tanto por vias de transporte quanto por planos governamentais.

Como características gerais da difusão do capitalismo no campo brasileiro, temos: concentração cada vez maior de terra; aumento do número de trabalhadores volantes; necessidade de o pequeno agricultor complementar a sua diminuta renda como assalariado de grandes proprietários; diminuição do número de parceiros e arrendatários; aumento do número de máquinas e fertilizantes; sujeição de pequenos produtores às grandes empresas industriais como fornecedores de

matéria-prima, sem que estas se envolvam diretamente com a produção; e a intensa expansão da pecuária como atividade ligada à agricultura.

Em consequência dessas transformações motivadas pela introdução do capitalismo no campo brasileiro e que definem a forma como o trabalhador agrícola vai inserir-se no sistema produtivo, verifica-se a formação de um enorme contingente de homens sem terra, prontos para aceitar qualquer tipo de trabalho e/ou remuneração, tanto em áreas urbanas como rurais.

Essas alterações ocorrem porque os investimentos mais vultosos dirigem-se para a valorização dos meios de produção (terra, máquina, etc.), em vez de se valorizar a mão de obra, que, no caso brasileiro, sofre um processo degradante e quase absoluto do seu custo. Isso tem ocasionado, através de alterações das relações de trabalho, um aumento de determinadas categorias de trabalhadores em detrimento de outras. Além disso, tem ocorrido uma relocação dessas categorias em diferentes áreas do espaço, através das migrações. Resumindo, podemos apontar como causas das migrações no Brasil:

- A necessidade permanente de se incorporar à divisão geográfica do trabalho recursos econômicos oriundos de novos territórios, processo que, na História do Brasil, vem se ampliando, desde a descoberta, e a sua representação concreta está nas numerosas frentes pioneiras, nas quais ocupantes (posseiros) desdobram a terra, valorizam-na e abrem caminho para os que se tornarão proprietários definitivos, já que dificilmente um posseiro pode conseguir legalmente a terra que ocupou e desbravou.
- Os fatores de expulsão, que, provocados sobretudo por razões econômicas, afetam os habitantes de uma região. Segundo Singer (1979), os fatores de expulsão são de duas ordens: a primeira ligada a

transformações técnicas ou estruturais que afetam a produção – fatores de mudança; a segunda ligada ao atraso econômico de uma área ou à sua decadência como geradora de riqueza – fatores de estagnação.

Os fatores de mudança decorrem da introdução de relações capitalistas de produção que acarretam a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários com o objetivo de aumentar a produtividade do trabalho e a consequente redução do nível de emprego. Os fatores de mudança fazem parte do próprio processo de industrialização, na medida em que este atinge a agricultura trazendo consigo mudanças de técnica e, em consequência, aumento da produtividade do trabalho.

A modernização da produção gera muitas vezes a intermitência no uso da força de trabalho, incentivando as diversas formas de trabalho volante, pois se, em determinadas fases do cultivo, substitui-se o trabalhador pela máquina, em outras continua-se a exigir o uso intensivo de mão de obra (capina, colheita, etc.).

Quanto aos fatores de estagnação, eles manifestam-se sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável como pela monopolização de grande parte das áreas disponíveis pelos grandes proprietários. As regiões afetadas por fatores de estagnação apresentam deterioração das condições de vida das populações e funcionam como “viveiros de mão de obra” para os latifúndios e grandes explorações agrícolas capitalistas. Essas áreas são, muitas vezes, a origem de importantes fluxos migratórios sazonais, isto é, trabalhadores que deixam sua terra para participar das colheitas em outras áreas e depois retornar a sua própria terra.

A pressão populacional sobre a terra se efetua, evidentemente, pelo próprio crescimento demográfico. Se as taxas de mortalidade infantil e, principalmente, da mortalidade geral se reduzem, aumenta o volume de população. Se a terra é limitada não só fisicamente, mas, no mais das vezes, economicamente, devido ao monopólio que as classes mais abastadas exercem sobre ela, o próprio crescimento demográfico já cria uma maior demanda da terra, valorizando-a e, assim, afastando dos mais pobres a possibilidade de possuí-la. Outro problema relacionado à densidade demográfica é a partilha por herança, que torna a terra tão pequena que não há possibilidade de uma família tirar o seu sustento de áreas tão reduzidas. O agreste nordestino e diversas áreas de colonização estrangeira no Sul do Brasil são os melhores exemplos desse fato como gerador de migrações.

Esses problemas decorrentes das migrações são abordados na obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, quando Rodrigo S. M. narra: “O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito.” (LISPECTOR, 1984, p. 105). Essa raça anã, segundo reportagem da revista *Veja* (1993), citada por Picchi (2009), são os “homens” pequenos que podem ser encontrados trabalhando em qualquer fazenda canavieira do Nordeste. São conhecidos como homens-gabiru em alusão aos ratos que vivem em depósitos de lixo das capitais brasileiras. Mas a comparação, além de pejorativa, é incorreta: os ratos dos lixões são assustadoramente grandes, enquanto que eles são antes de tudo homens miúdos, que não passam de um metro e meio. Poderiam ser chamados de pigmeus brasileiros – se não tivessem uma diferença importante em relação a esses africanos de baixa estatura: não são pequenos por herança genética, mas por causa da fome, tal qual Macabéa, que para enganar a fome engole papel e não vomita chocolate para não desperdiçar o que ela

considera um luxo.

A desnutrição que marca os gabirus brasileiros é crônica, diferente daquela que transforma as vítimas da seca em pouco mais do que esqueletos ambulantes. É uma fome ancestral, transmitida de geração a geração, e que os achata na mesma medida em que os torna menos exigentes para sobreviver.

Nesta classificação é importante lembrar que “estagnação” e “mudança” não são fenômenos estanques. A concentração da propriedade é, sem dúvida, fator de estagnação, mas atualmente é através do capital financeiro aplicado à agricultura (que seria fator de mudança) que essa concentração se faz em maior escala. É bom lembrar também que mudança nem sempre significa melhoria. Os volantes (boias-frias), antes parceiros ou colonos em fazendas, tiveram suas condições de vida pioradas quando, em nome da “mudança”, se “modernizaram” nas relações de trabalho, transformando-se em assalariados temporários.

Um aspecto muito lembrado como fator de expulsão são as condições naturais, principalmente ligadas ao clima (enchentes, secas, geadas). Devemos observar que tais condições são importantes, mas são seletivas. Elas não são sentidas da mesma maneira pelo latifundiário, pelo pequeno proprietário, pelo parceiro ou pelo trabalhador assalariado. Devido à sua pequena capacidade de endividamento (tem poucas “garantias” para um empréstimo), pouco assistido por programas governamentais, é o pequeno produtor que é mais atingido por problemas dessa ordem, que o obrigam a migrar. Mesmo assim, a fertilidade dos solos, a ausência ou presença de umidade, o relevo, a temperatura e as condições naturais são fatores muito importantes para a localização da população. Esses elementos têm importância como condições necessárias à agricultura. Às condições naturais têm de ser associados: o nível técnico do grupo; as necessidades da

sociedade; a organização social dos produtores; o tamanho dos terrenos usados; a quantidade de trabalho requerida pelas plantas; a mecanização; etc.

Embora menos importantes para as migrações do que os fatores de expulsão, não podemos deixar de mencionar os chamados “fatores de atração”.

Citando Singer:

Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e as áreas às quais se destinam. Entre os fatores de atração, o mais importante é a “demanda por força de trabalho”, entendida esta não apenas como a gerada pelas empresas industriais, mas também a que resulta da expansão dos serviços tanto dos que são executados por empresas capitalistas como os que são prestados por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos. (SINGER, 1979, p. 44)

A esses fatores de atração para as cidades podemos acrescentar para as áreas rurais a disponibilidade de terras livres nas frentes de expansão do povoamento e a oferta de emprego nas grandes empresas capitalistas aí instaladas.

O primeiro fator sempre tem representado um importante papel social, já que na “fronteira” se recia a pequena produção expulsa das regiões de agricultura mais desenvolvida. É para a “fronteira” que se dirigem os pequenos produtores expropriados e os excedentes populacionais do Nordeste e do Centro-Sul do país. Entretanto, a cada dia aumentam as dificuldades do estabelecimento dos minifundiários na frente agrícola. Hoje, em vez de posseiros, predominam arrendatários. Isso significa que as terras elevam seu valor e para pagamento da renda tem de haver uma ligação com o mercado. O aumento das relações com o mercado e a consequente melhoria dos transportes, ao valorizarem a terra, impedem a permanência do ocupante (camponês) em detrimento do fortalecimento das grandes propriedades.

Este “fechamento” da fronteira agrícola, ocupada agora por grandes empresas, ao mesmo tempo em que impede a instalação de camponeses livres, cria uma nova forma de migração: os trabalhadores “itinerantes”, que, empreitados por intermediários para trabalho, em fazendas da “fronteira”, deixam o Nordeste e até mesmo o Sul, para perambular de fazenda em fazenda à procura de trabalho.

3.3 CONSEQUÊNCIAS DAS MIGRAÇÕES

Macabéa era uma alagoana de 19 anos, raquítica e orfã. Os pais morreram quando ela estava com dois anos. Foi criada pela tia beata, que a maltratava e com quem se mudou para Maceió e posteriormente, como consequência das migrações, analisadas nesta parte do trabalho, vai para o Rio de Janeiro.

O processo migratório carrega em si uma série enorme de consequências que se fazem sentir tanto nas áreas urbanas, quanto nas rurais. Como a cidade e o campo estão perfeitamente interligados, é natural que um alimente o outro. Por um lado, o campo alimenta o crescimento econômico da cidade, fornecendo-lhe mão de obra, capital, matéria-prima, alimento, etc. Por outro lado, recebe da cidade investimentos, a custo crescente, tecnologia e padrões de consumo que, cada vez mais, integram economicamente os dois espaços. Essa integração, no entanto, faz com que a cidade exerça crescente hegemonia sobre o campo. Assim, as migrações, como fenômeno global, vão apresentar repercussões amplas na vida urbana e na rural.

No âmbito social há um grande desenraizamento em relação aos costumes do local de origem, o que coloca diante do migrante novos valores que, muitas vezes, se contrapõem aos que ele carrega. Esse desenraizamento se agrava

quando se sabe que as migrações, quase sempre, são acompanhadas de uma desagregação, temporária ou definitiva, da família, já que se sabe que nas migrações de longa distância migram primeiro os homens solteiros ou chefes de família, sendo que muitos não retornam, abandonando a família, motivo de Olímpico ter apenas o sobrenome “Jesus”, ou seja, o sobrenome “dos que não têm pai”.

– Olímpico de Jesus Moreira Chaves – mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher. (LISPECTOR, 1984, p. 66-67)

Enquanto que, nas de curta distância, além destes, é importante também o fluxo de mulheres solteiras, muitas vezes superando numericamente os homens. Na obra *A hora da estrela*, fica claro que a migração dos personagens principais, Macabéa e Olímpico, aconteceu quando ainda eram jovens. Os motivos que levaram os dois a migrar, pela análise da obra, foi puramente econômico, que é, sem dúvida, o fator predominante nos movimentos populacionais. Os dois migraram em busca de trabalho e melhores condições de vida.

A enorme perda de população jovem, nos municípios do interior, compromete a produtividade, a estrutura etária e o crescimento demográfico. Nos anos de 1970, muitos municípios brasileiros apresentaram decréscimo populacional

As frentes pioneiras, que constituem a vanguarda de expansão do povoamento, defrontam-se com problemas de falta de infraestrutura e de assistência às populações. Instaladas nessas áreas como posseiros, ficam à mercê dos grileiros e suas titulações falsas de terras. À medida que grandes empreendimentos agrícolas ali se instalam, são obrigadas a procurar outras áreas para se estabelecer. Quando não há outros espaços, submetem-se a regimes de trabalho semelhantes à

escravidão, nestes mesmos empreendimentos “modernos”.

O crescimento desorganizado (sociopático) das cidades, juntamente com o volume de população que para elas se dirige, é imenso, e as aglomerações urbanas não estão aptas a assimilar essas massas de migrantes. O desemprego, o subemprego, a mendicância, a delinquência, as favelas, a enorme ampliação das periferias, tudo isto faz parte deste processo doentio de crescimento. Segundo Singer:

A questão que se coloca é saber se o fato de numerosos migrantes não serem absorvidos pelo mercado de trabalho se explica pela sua inferioridade econômica ou desajustamento face às condições requeridas pela economia industrial, ou se os fluxos migratórios suscitados pela industrialização capitalista tendem inerentemente a produzir, nas áreas urbanas, uma oferta de força de trabalho superior à demanda. (SINGER, 1979, p. 54)

Diz ainda Singer que, se a primeira hipótese for verdadeira, o desequilíbrio entre oferta e procura de força de trabalho é transitório, já que o migrante passa por um período de aprendizado e aculturação no meio urbano e supera os obstáculos que se antepõem à sua integração no processo produtivo. “Ele não se chamava ‘operário’ e sim de ‘metalúrgico’. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa.” (LISPECTOR, 1984, p. 67)

Se a segunda hipótese for verdadeira, no entanto, a “marginalização” dos migrantes (ou de grande parte deles) passa a ser um resultado necessário do processo de industrialização capitalista. Isso é explicado na relação de Macabéa com seu patrão.

Faltava-lhe jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representantes de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola,

rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. (LISPECTOR, 1984, p. 45)

Não só pelo tempo que o processo migratório apresenta em nosso país, mas também pelo permanente arrocho salarial que as classes trabalhadoras sofrem, e pela imensa rotatividade da mão de obra nas empresas, tudo tão conveniente ao grande capital, podemos concluir como verdadeira a segunda hipótese. De fato, é de fundamental importância, para a reprodução do capital, que exista essa população de reserva pronta a oferecer sua força de trabalho no mercado. Quanto maior o exército industrial de reserva, mais baixos os salários a serem pagos e, conseqüentemente, maior será o lucro da classe empresarial. Tal fato é relatado pelo narrador, quando comenta o salário da protagonista: “[...] embora ganhasse menos que um salário mínimo.” (LISPECTOR, 1984, p. 67).

É importante lembrar aqui que as migrações não só aceleram a terceirização, mas, principalmente, podem ser encaradas como seu produto. De fato a terceirização permite a populações até há pouco integradas a uma economia de subsistência sobreviverem no meio urbano, enquanto não conseguem integrar-se à economia capitalista.

3.4 A ALTERAÇÃO DA SITUAÇÃO DE TRABALHO E O PRECONCEITO COM O NORDESTINO

As pequenas e médias cidades do interior sofrem o efeito das migrações de maneira muito intensa. Por apresentarem pequena oferta de emprego, já oferecem poucas alternativas à sua população. Mesmo assim, há uma divisão social do trabalho ligada à estrutura de classes. As classes mais baixas executam tarefas mal remuneradas e de menor exigência quanto a conhecimentos. Com a chegada de

migrantes – ofertantes de mão de obra à cidade, aquelas classes urbanas mais pobres passam a sofrer, devido a esta concorrência, um aviltamento salarial e uma real piora nas suas condições de vida. Isso provoca as migrações desse extrato social urbano para cidades maiores. Há assim uma espécie de troca da população nas pequenas e médias cidades do interior. É bom lembrar que a massa de ofertantes é muito superior à demanda: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (LISPECTOR, 1984, p. 50), e só uma parte deles é absorvida (mesmo em substituição aos citados, que acabarão por migrar), enquanto a maior parte vai se localizar nos bairros pobres da periferia, onde vão ampliar o número dos trabalhadores com ocupação temporária (volantes, boias-frias, itinerantes, etc.).

As migrações são o melhor exemplo para se compreender o caráter social do espaço geográfico. Se o Sudeste do Brasil e o Nordeste apresentam um fluxo populacional constante, deve-se notar que as classes pobres nordestinas que alimentam esse fluxo são fundamentais para a acumulação capitalista no Sudeste, já que vão afetar as relações de trabalho aqui no Sudeste. O espaço urbano e o rural estão unidos também por um fluxo de população (camadas pobres rurais) que vai exercer papel de relevo nas novas relações de trabalho, nas cidades aonde chegam tais levas de migrantes. É importante frisar que o fato particular das migrações, apesar de analisado em si, é causa e efeito de um todo que é o processo de acumulação capitalista, favorável às cidades e ao Sudeste, em detrimento do campo e das demais regiões brasileiras.

Deve-se destacar, ainda, que um estudo de migrações tem de levar em conta a estrutura social e o modo de produção dominante. O meio natural se limita a criar condições para as migrações, sem nunca originá-las, já que suas forças

motoras estão nas relações sociais de produção.

É inegável que o Nordeste é uma região que possui sérios problemas econômicos e sociais, principalmente no que se refere à seca, que atinge grande parte da população, causando miséria e sofrimento. Embora exista muita pobreza no Sertão, esta não é a única coisa que se pode encontrar no interior nordestino.

Apesar de se tratar de uma região heterogênea e diversificada, o Nordeste geralmente é classificado de uma forma generalizada e homogênea. A forma como este é compreendido e identificado pressupõe uma série de simplificações e reducionismos, levando-o a estar sempre atrelado à ideia de pobreza e atraso. Dessa forma, o nordestino é alvo de preconceitos e estereótipos, sendo geralmente identificado como um sujeito pobre, ignorante, submisso, atrasado, etc.

Segundo Almeida (2009), as representações negativas ou os estereótipos criados em torno da figura do nordestino aparecem na obra *A hora da estrela*. Nesse romance, Clarice Lispector (1984) expõe a carga de preconceito difundida pela sociedade, desenhando uma personagem que carrega física e psicologicamente todos os traços ou características do nordestino. No início da narrativa, à medida que o narrador vai anunciando e descrevendo a personagem principal, já é visível a denúncia, no que diz respeito à discriminação e aos estereótipos que são atribuídos às pessoas que nascem no Nordeste. A protagonista só vai receber um nome a partir da metade da obra, sendo que até então era citada apenas como “a nordestina”. Esse fato revela a carga semântica depreciativa que é atribuída a esse termo, além de refletir a visão homogênea que se tem do povo nordestino.

[...] a falta de nome dos personagens – o que caracterizaria uma sociedade desumanizada – e, mais aprofundadamente, a reiterada equivalência entre homens e animais, que serviria para reforçar no nordestino o sentimento de impotência, de inferioridade, que o leva a não-ação, a acomodação. (ANTUNES, 2002, p. 131)

Sendo assim, conforme afirma Almeida (2009), o nordestino é retratado como um povo primitivo e até mesmo selvagem. Em alguns momentos da narrativa observa-se que o narrador compara os personagens a animais. Esse estereótipo que animaliza o nordestino é verificado nos seguintes trechos: “Quero neste instante falar da nordestina. É seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por sim mesma [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 38); “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 65); e em outra passagem, em que Macabéa diz: “– Desculpe mas não acho que sou muito gente [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 70)

Baseado na figura de Macabéa, Almeida (2009) observa que o nordestino é descrito de uma forma degradante e caricaturada. Trata-se de uma figura raquítica, magricela, amarelada, tola, idiota. Além disso, a descrição dessa personagem reforça o estereótipo do nordestino como um indivíduo ignorante e incompetente, que só fala besteiras e é desprovido de informações e conhecimentos. Outro estereótipo internalizado pelo senso comum é a ideia de que o nordestino é preguiçoso e lento. Na obra, o narrador dá ênfase a essa representação através de elementos gráficos. Isso pode ser observado nessa citação: “Dava-se melhor com o irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaaar sobre os ooooouteiros [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 56). É evidente ainda o preconceito que se manifesta pela ridicularização da fala do nordestino. Isso pode ser observado no trecho em que o autor descreve o modo de falar de Olímpico: “[...] tinha o tom cantado e o palavreado seboso, próprio para quem abre a boca e fala pedindo [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 69).

No momento em que a autora refere-se ao lugar de origem de Macabéa como o “lugar onde o diabo perdera as botas” (LISPECTOR, 1984, p. 49), ela retrata

a visão de que o Nordeste é um lugar miserável, improdutivo, não civilizado, correspondendo, portanto, ao último lugar onde um ser humano gostaria de viver. Nesse contexto, a família nordestina também é deformada. Tanto Macabéa quanto Olímpico revelam um passado familiar desestruturado e infeliz: a primeira, fruto do acaso, nem sequer lembra o nome dos pais; o segundo não foi registrado pelo pai, sendo criado por um padrasto.

Podemos ressaltar também que ao relacionar, insistentemente, a vida de Macabéa e Olímpico à pobreza, à fome, o narrador acaba retratando o mito do determinismo geográfico de que todo nordestino é sofredor e vive na miséria. Essa é uma visão historicamente construída e legitimada pela mídia. A ideia de que o povo nordestino é pobre e pedinte que está sempre com fome pode ser visualizada na seguinte citação: “Ela quis mais porque é mesmo uma verdade que quando se dá a mão, essa gentinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo.” (LISPECTOR, 1984, p. 57).

A partir da trajetória vivida por Macabéa, Almeida (2009) confirma o estereótipo do nordestino como um sujeito alienado, passivo, obediente, que acredita em tudo que ouve e não sabe lutar nem argumentar em seu favor. Como afirma Antunes: “E os nordestinos são, efetivamente, levados a se sentir incapazes de mudar uma situação que os prejudica, mas que eles, conformadamente, atribuem a causas naturais ou sobrenaturais.” (ANTUNES, 2002, p. 130). Na obra literária fica subentendida a ideia de que quando este sujeito (nordestino) conquista algo para si, é através da mentira ou dos meios ilícitos. Isso pode ser verificado através de Macabéa, que se utiliza da mentira para ter um dia de descanso, e também através de Olímpico, que chega a ser deputado, mas que carrega consigo uma vida marcada por atos e atitudes ilegais (roubo, assassinato, mentira, etc.).

É através de constantes ironias, segundo Almeida (2009), que Clarice Lispector traz à tona uma série de preconceitos aos quais estão sujeitos os nordestinos residentes nas regiões Sul e Sudeste do país. A descrição degradante da protagonista é o reflexo das imagens negativas criadas em torno do Nordeste e do nordestino. Dessa forma, o primeiro geralmente é encarado apenas como um espaço de miséria e fome e o segundo é visto como um povo de má origem ou de maus antecedentes.

3.5 MACABÉA E SUA INCLUSÃO – EXCLUSÃO NA SOCIEDADE URBANA

Os problemas, ou as crises geradas pela “cisão”, pelo processo de compreensão/construção da identidade, aumentam ainda mais quando se pensa nos sujeitos inseridos em determinados contextos, em situações como a migração, já que o sujeito não tem controle sobre isso.

É bastante difícil traçar, com a necessária precisão, um quadro acerca das condições de inserção do migrante na sociedade urbana, no caso de Macabéa e Olímpico, pelo próprio caráter do fenômeno migratório, pois diz respeito a indivíduos ou a pequenos grupos que se deslocam, segundo lógicas nem sempre facilmente compreensíveis e fugindo a um controle e a um acompanhamento, o que torna bastante difícil não apenas estudar o fenômeno como também exercer alguma ação sobre ele. A existência de uma significativa economia informal nas metrópoles brasileiras, local de destino de parcela considerável da população migrante, contribui também para uma maior dificuldade em estudar a inserção desses trabalhadores na economia urbana.

Uma dificuldade adicional provém do fato de que qualquer trabalho que se proponha a estudar a migração, a partir de inquéritos, é limitado a retratar apenas

um determinado momento na trajetória individual do migrante. Evidentemente, não é possível se dar conta de parcela expressiva desses trabalhadores que, não alcançando sucesso em sua tentativa de estabelecimento naquele local, acabam por retornar ao local de origem ou tentar novo destino.

O parágrafo anterior nos recorda que falar em migração implica falar de decisões e trajetórias “individuais” (ou, no máximo, familiares) inseridas, todavia, em um contexto “social”. É importante lembrar, portanto, a necessidade de não se confundir o ato de migrar com o processo social que lhe dá sentido.

Desse modo, um ponto de partida fundamental é considerar o migrante recém-chegado à cidade como indivíduo que passa por profunda transformação, no sentido de se tornar um “trabalhador urbano”, pronto a se oferecer como força de trabalho para a economia da cidade e do qual se espera o enquadramento em uma série de padrões de comportamento. Este ponto de partida ajuda-nos a entender tanto as dificuldades enfrentadas pelos migrantes recentes, quanto as etapas que, frequentemente, são percorridas por estes indivíduos.

Uma questão que se coloca para o migrante recém-chegado em busca de emprego é a da “qualificação”. Não devemos entendê-la em sentido estrito, qual seja o da aquisição de conhecimentos específicos para o desempenho de determinada função, ou mesmo o do nível de instrução ou alfabetização. Em um entendimento mais amplo, qualificar-se como trabalhador urbano implica a adoção de valores, hábitos (ou seja: disciplinas) ligados ao mundo do trabalho e à vida urbana. O migrante de origem rural, que tem um peso significativo no total dos migrantes, enfrenta, por exemplo, a necessidade de se inserir em uma rotina com exigências de horário e de ritmo de trabalho diferentes das vigentes no meio rural. A dificuldade de orientação no espaço urbano, o medo de ser enganado, as diversas

“regulamentações” (identidade, carteira de trabalho, várias certidões) requeridas pelas autoridades e pelos possíveis empregadores, todos esses são problemas a serem enfrentados durante o longo processo de inserção do migrante na sociedade urbana.

Esses fatos ficam evidentes no filme *O homem que virou suco* (1980), – do diretor João Batista de Andrade, em que os dois personagens, Deraldo e Severino, segundo Moura (2010), correm os riscos de uma morte cultural, quando saem do sertão nordestino para São Paulo, fatos que também são evidenciados através da protagonista Macabéa, de *A hora da estrela*. Deraldo, o poeta popular, luta contra essa morte, quando sente que sua identidade cultural é massacrada pela cultura paulistana, que não respeita as suas diferenças como estrangeiro. Ele teme essa morte tanto quanto luta por um espaço de sobrevivência. Mas, ao mesmo tempo, ele é atraído por essa cultura distinta, mas tão rica e fascinante quanto a sua.

Como observa Moura (2010), Severino, o operário, não pressente a sua morte cultural, pois está fascinado pela Metrópole, a terra prometida ao sertanejo. Ele se incorpora na sociedade paulistana como se dela fizesse parte. Ele desconhece e não respeita as leis culturais da cidade grande e se lança em uma morte inevitável. Renega seus valores culturais e a sua origem para se tornar o operário padrão, o símbolo máximo de conquista para um trabalhador braçal.

A dificuldade em se qualificar, no sentido acima proposto, faz com que o migrante ocupe, quando de seu período inicial na cidade, empregos que já ficaram marcados como característicos desse grupo social. O servente de obra, na chamada indústria da construção civil, é quase sempre um migrante recém-chegado à cidade; trata-se de forma de ocupação que praticamente dispensa maior qualificação (do ponto de vista da instrução) e que apresenta a vantagem adicional de,

frequentemente, acenar com a possibilidade de moradia e de facilidades de alimentação.

Para Almeida (2008), em *A hora da estrela*, nota-se a representação da figura nordestina através dos personagens Macabéa e Olímpico de Jesus. Estes, seduzidos pelos artifícios da modernidade e pela possibilidade de uma realidade diferente da vivenciada no Nordeste, partem em busca de uma vida mais digna no Sudeste, mais precisamente no Rio de Janeiro. Nesse sentido, como afirma Antunes: "Para os nordestinos, migrar adquire a representação social de superação da miséria, de encontro de um lugar social (de 'excluídos' passariam a 'incluídos')" (ANTUNES, 2002, p. 126), o que vem enfatizar a ilusória concepção que os nordestinos têm em relação aos estados "sulistas".

Rodrigo S. M. descreve a personagem Macabéa como um ser caracterizado principalmente pela estagnação, invisibilidade e desesperança. A personagem lispectoriana é a representação de um indivíduo marginalizado, que sai de Alagoas, sua terra natal, onde tinha uma vida marcada pela miséria, privação, pelo desprezo, e passa a viver no Rio de Janeiro, em pleno processo de modernização. A migração da personagem é uma mostra simbólica dos anseios dos socialmente excluídos da vida real.

Segundo o narrador-autor, embora a personagem criada por ele estivesse inserida nesse novo contexto moderno e capitalista, mantinha as características de uma nordestina, o que a inferiorizava diante dessas circunstâncias; como afirma Rodrigo S. M.: "Ela nascera com maus antecedentes [...] no sertão de Alagoas [...]. (LISPECTOR, 1984, p. 48-49). Segundo Almeida (2009), nessa cidade, a emigrante, como ratifica o narrador, não representava mais do que a figura de um nordestino concebido como lento, estranho, ignorante e incapaz de qualquer reação.

Mas tal serviço é encarado, pelo migrante, como uma primeira etapa rumo a uma ocupação mais estável e melhor remuneração. De servente pode-se, por exemplo, ainda no setor da construção civil, passar a pedreiro, ocupação mais valorizada, por exigir alguma experiência e certa habilitação técnica. É também frequente que o migrante chegue a uma área metropolitana já com alguma experiência, fruto de uma passagem anterior por outro centro urbano, geralmente de pequeno porte. Situação esta que nos permite observar que a migração, muitas vezes, se dá por etapas, com o desdobramento do fluxo migratório por uma série de centros urbanos, fato que pode ser observado nos seguintes trechos da obra em questão: “Nascera [...] no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 49); “Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 51).

Já no caso das mulheres, o processo de inserção na sociedade urbana passa, muito frequentemente, pelo trabalho doméstico. Nesse caso, a qualificação exigida costuma coincidir com aquela que já fez parte do processo de socialização da trabalhadora, no seu próprio local de origem. O trabalho doméstico, muitas vezes visto como degradante, pode ser também uma espécie de “trampolim” para outras ocupações.

A migração para um grande centro urbano envolve, certamente, riscos e dificuldades diversas, razão pela qual é tão comum que um dos membros do grupo familiar (o pai ou o filho mais velho) preceda os demais. A natureza eminentemente individualizada do trabalho na cidade não destrói o anseio da recomposição do núcleo familiar, cuja ausência é frequentemente apontada como uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo migrante. A teia de relações familiares é, aliás, um dos

principais mecanismos através dos quais se sustenta a contínua vinda de migrantes para os grandes centros urbanos, como Macabéa, que acompanhou a tia: “[...] a tia lhe arranjava emprego [...]” (LISPECTOR, 1984, p. 51).

A solidão, a sensação de “desespacialização” e a falta de referências vividas pelo migrante que se estabelece em um grande centro urbano podem ser enfrentadas, também, por uma intensificação da participação em eventos que se tornam ocasiões para a celebração dos valores culturais da região de origem. Os locais onde se dão tais encontros são, talvez, os mais interessantes para estudos que pretendam colocar em destaque outras dimensões do fenômeno migração de um ponto de vista que não o estritamente do mundo do trabalho. Eles indicam que a tentativa de “vencer” na cidade grande não implica uma rendição completa aos seus valores.

Para Almeida (2009), apesar de estar na sociedade carioca, que no momento está passando por um expressivo processo modernizador, Macabéa pensa em Alagoas através das circunstâncias típicas do Nordeste, como o cantar do galo no morro e, das músicas que ouvira quando criança, embora essas músicas fossem de brincadeiras de infância da qual ela era proibida de participar. Ao analisar esses momentos, nota-se que eles caracterizam o nordestino, justamente pelo fato de valorizar o simples (o cantar do galo) e as tradições (cantigas de roda).

Ainda segundo Almeida (2009), tais fatos vêm enfatizar o sentimento de Macabéa, que, confusa, relembra alguns elementos nordestinos, na tentativa de não se perceber nitidamente desamparada naquele lugar. Essa análise reflete a questão da segregação do ser, numa sociedade que a desconsidera, por não apresentar laços de identificação.

Essa crise de identidade é bastante evidenciada através da protagonista Macabéa, do romance *A hora da estrela*, que é vítima de grande repulsa por seu

conterrâneo Olímpico de Jesus. A mesma situação também é destacada no filme *O homem que virou suco* (1980), – do diretor João Batista de Andrade – quando Deraldo afronta, com suas poesias, o mestre de obras que explora os seus conterrâneos na construção civil, e esses versos podem se relacionar com Severino. Segundo Moura (2010), ele – o mestre de obras – representa a vergonha para o seu povo, enquanto que Deraldo luta por sua dignidade. É a luta do herói, do renegado, que não aceita viver em condições de miséria, nem sofrer a opressão da sociedade, pela preservação de seus valores e pela ética social. Para ele, a palavra representa a verdade, mas essa virtude não encontra respaldo na cidade grande. Numa cena do filme, Deraldo está vendendo o seu folheto de cordel na praça e o fiscal lhe cobra a identidade, o que para ele, na sua cultura, significa a sua palavra. Para o fiscal da prefeitura, porém, essa mesma palavra não tem valor nenhum. O único valor passa a ser a carteira de identidade que o governo concede ao indivíduo. Para a prefeitura, Deraldo não existe como cidadão. Ele é um expatriado em seu próprio país. Ele é condenado, então, a vagar pelas ruas da cidade, sendo perseguido pela polícia, por um espaço com símbolos e mitos que ele não reconhece. Ele é um ninguém que vaga pela multidão.

Em uma das cenas do filme em que discute com um vendedor, ocorrem as seguintes falas: “– Sua história é muito nordestina” (*O HOMEM*, 1980); “– Isto é para a gente de lá”, ao que Deraldo responde: “– Mas aqui não tem nordestino?” (*O HOMEM*, 1980). Para Moura (2010), o espaço, que até então era familiar ao personagem, pela presença marcante de seu povo, agora se torna completamente estranho. Ele percebe que aquela cidade não é a dele. As imagens da cidade não reproduzem a sua cultura. Ele constata a sua condição de estrangeiro. Se Deraldo não percebeu que aquela não é sua terra, o homem da cidade não acordou para

aquilo que Deraldo conseguiu ver entre tantos símbolos e imagens: seu povo está ali de uma forma ou de outra mudando o cenário daquela cidade. A sociedade cumpre assim o seu papel de mantenedora da ordem vigente, destruindo toda e qualquer tentativa de invasão cultural. Mesmo que essa ordem não seja tão eficiente, ela se impõe ao estrangeiro. Mas a interação e a troca de cultura são inevitáveis.

Já Severino, considerado pelos companheiros como uma pessoa do mal, é muito mais uma vítima da cultura estrangeira. Ele sofre a pressão da sociedade e tenta se adaptar aos seus valores. Em permanente conflito, Severino se corrompe por seus símbolos culturais e perde assim a própria identidade.

Ainda segundo Moura (2010), a perda da identidade através da morte simbólica é o não existir enquanto homem perante os outros homens. O patrão de Severino, quando lhe pede que delate seus companheiros de trabalho, está se afirmando sobre a identidade dele, pois Severino aceita delatar seus companheiros grevistas para conquistar o patrão. Quando este o despede do emprego, ele mata Severino simbolicamente, moralmente. Para vencer esse horror da morte, Severino, em seu imaginário, só conhece um caminho: assassinar o patrão com uma peixeira, como se faz com um boi no sertão.

Mas outras formas de resistência podem, também, estar presentes. As décadas de 1970 e 1980 assistiram à emergência de movimentos de organização de trabalhadores nos centros urbanos, especialmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, nos quais despontam, com participação ativa, inúmeros trabalhadores de origem migrante. Isso pode fazer-nos pensar no caráter transitório da própria condição de “migrante”. Essa condição não é nenhum “rótulo” que se aplique, permanentemente, a um dado indivíduo; ela se transforma, na mesma medida em que a inserção na sociedade urbana integra um processo social amplo,

constantemente redefinido pelos seus agentes.

Retornamos, portanto, às palavras iniciais do assunto: a migração não é um processo no qual os homens obedecem, como meros joguetes, às modificações na estrutura social do espaço geográfico. Ela é um dos processos que constroem o espaço, no qual os migrantes, seus agentes, são também construtores da dinâmica social.

Um dia, num passeio a pé, Macabéa conheceu Olímpico, exemplo do macho inseguro, petulante e truculento, que tinha cometido crime de morte no Nordeste e por isso havia se mudado para o Rio de Janeiro.

O romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, segundo Guidin (2002), é exemplar na revelação do drama que pulsa sob o cotidiano. O que confere um caráter único, surpreendente e mágico a essa situação trágica e prosaica é a lente de aumento que é posta sobre os fatos. É esse olhar que permite uma noção realista e cruel do horror da indigência de Macabéa ou da astúcia de Olímpico, bem como da vileza das regras que vigoram neste mundo, compondo a dinâmica social do espaço.

3.6 REGIONALISMO E IDENTIDADES REGIONAIS

O Nordeste pode ser definido como a região das perdas. Das perdas econômica e demográfica, sobretudo, mas também, ainda que em menor escala, do poder político. O Nordeste tem se caracterizado como uma área de expulsão demográfica que tem, no Centro-Sul, o tradicional polo de atração, especialmente as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar das perdas econômicas e demográficas, o Nordeste, contudo, apresenta no plano político uma importância desmesurada face ao que representa economicamente. A fragmentação político-administrativa, aliada à força política e à aparente união dos grupos dominantes

tradicionais e emergentes, torna possível a venda da imagem do subdesenvolvimento regional, visando obter recursos públicos que, se não resolvem os problemas da região, contribuem para manter os grupos dominantes no poder.

À medida que a globalização se fortalece e expande, parece criar uma homogeneização da sociedade, destruindo o que seria típico, local, diferente e impondo novos padrões culturais e de consumo. Isso é observado nas atitudes de Macabéa em querer ser Marilyn Monroe e de Olímpico em ser deputado, uma tentativa de encaixamento social. Tal encaixamento não é influenciado apenas pelo desejo de se adequar aos ideais modernos, como também proporcionar o reconhecimento destes indivíduos naquela sociedade. Vale lembrar que, de certo modo, por esses personagens desempenharem funções como datilógrafa e operário de metalurgia respectivamente, já estavam em processo de assimilação, mesmo representando a classe social explorada.

Tal perspectiva parecia tão clara que os estudiosos “se esqueceram” da região como demonstradora do único, do diferente, e passaram a analisar o espaço, seja na sua totalidade ou nas partes componentes, numa perspectiva econômica em que a divisão territorial do trabalho era a forma básica de se perceber os aspectos “regionais”.

Mas será que a globalização, tanto em sua forma liberal, como na forma estatal, tem sido tão homogeneizadora do espaço? Será que tem conseguido anular a herança cultural, tanto naquilo que os habitantes de uma parcela do espaço consideram como especificamente seu, como naquilo que os outros atribuem como particular de um grupo humano?

Na conjuntura mundial não faltam exemplos diários de movimentos separatistas que, apelando para especificidades, desejam a demarcação de um

espaço que contenha ou delimite tais exclusividades. Já na conjuntura nacional, embora sem a força política de outros países, surgem movimentos ou manifestações que demonstram, de alguma maneira, certo inconformismo com a crescente tentativa homogeneizadora, fruto da globalização.

Como encarar a existência de feiras nordestinas no Rio de Janeiro? E a reunião costumeira de imigrantes nordestinos em algumas praças cariocas, onde se vê a tradução de uma série de tradições do Nordeste (músicas, comidas típicas, literatura de cordel) para o contexto carioca? Não seria uma forma de resistir ao poder dos meios de comunicação, que impõem um padrão cultural para todo o país? E quanto às minorias indígenas ou afrodescendentes, que lutam para a manutenção de suas manifestações culturais, sufocadas pela cultura dominante (a cultura urbana, branca do Sudeste)? Como entender alguns movimentos como o do “gauchismo”, tão forte nas últimas décadas, se não aceitamos que existe, nestes últimos casos, uma consciência regional por parte de suas populações ou, pelo menos, por alguma classe social?

Podemos, então, entender que a tão propagada tendência à homogeneização que a globalização exerce não é tão forte, ou pelo menos, a ela ainda existem fortes reações que não sabemos por quanto tempo vão se manter ou se serão fortalecidas.

Então a velha região da Geografia francesa, ou as novas regiões econômicas, está limitada a uma consciência regional, que poderia se traduzir por uma identidade regional?

De acordo com Haesbaert, podemos entender a região como inserida na totalidade social, sem privilegiar obrigatoriamente nenhum de seus elementos de natureza econômica, política e cultural, reconhecendo-a não só a partir dos

movimentos regionalistas, de base político-cultural, mas também na relação dialética espaço/sociedade, pela qual se estabelece a identidade regional. Quer dizer: a região é vista como uma parte do todo, como resultado de um processo de desenvolvimento desigual e combinado, caracterizado pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas (CORREA, 1986). Tal região também é a expressão real do regionalismo que se materializa numa parcela do espaço e que constitui a forma como uma parte do espaço é percebida/vivida pelos seus habitantes.

Segundo alguns autores, região tem de ter uma classe social local (ou fração regional de classe) que sirva de articulador econômico daquela parcela de espaço (onde se dão contradições traduzidas, muitas vezes, em conflitos entre tal classe “dirigente” e as menos privilegiadas da região) e que se confronta com a classe ou com as classes hegemônicas da sociedade como um todo.

Assim, pode-se dizer que nem todos os espaços são regionalizáveis, pelo menos num determinado momento histórico, e que existe um dinâmico que faz aparecer novas regiões e que elimina os aspectos que individualizavam outras. Esse aspecto homogeneizador se superpõe, em alguns casos, às forças da globalização, mas em muitos outros casos tais forças resistem e mantêm sua identidade. Como o fortalecimento das relações capitalistas de produção não ocorre concomitantemente no tempo e no espaço, esse fato favorece as diferenciações espaciais.

O que se pode afirmar é que o estudo do território e da formação da identidade continua a ser de fundamental importância para o melhor conhecimento da realidade, quer como instrumento de intervenção oficial, quer como meio de perceber as especificidades e detectar a “criatividade” dos grupos sociais em suas relações e nas relações desses grupos com a natureza, no processo de organização

de seu próprio espaço.

A organização interna da cidade expressa uma divisão social e técnica do trabalho associada à ação do Estado, relação que vai se traduzir, dentre outras formas, numa crescente segregação social no território urbano agravando a crise de identidades.

Assim, encontramos na obra *A hora da estrela* um traço pouco comum nos textos anteriores de Clarice: a exterioridade e certo compromisso ou engajamento, que pode ser visto como denúncia social da problemática dos pobres migrantes nordestinos e sua sofrida luta para adaptar-se ao mundo agitado e cruel da cidade grande. Há nessa obra o contraste e o confronto de dois Brasis, já revelados por Euclides da Cunha, mas agora com a sensibilidade delicada de Lispector, que se projeta num pseudoautor, Rodrigo S. M., que vai conduzindo o leitor pela sua experiência de criação e pela relação afetiva que lhe é despertada por sua personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho estudando os espaços geográficos, constituídos ao longo do tempo, por diferentes sociedades, e os espaços literários construídos num processo de referência temporal e cultural, percebeu-se que existe uma inter-relação deles, ou seja, que esses espaços são partes de um mesmo processo histórico mundial e para entender a sua organização e a produção desses espaços, precisa-se entender as relações entre os seres humanos, pois os espaços geográficos materializam essas relações – real ou ficcionalmente.

No mundo real, a partir do momento em que a natureza foi colocada a serviço da produção, a organização do território passou a ser determinada principalmente por relações socioeconômicas, de poder e de dominação de um grupo sobre o outro. E essas relações, que condicionam a organização e as desigualdades territoriais, dependem em grande parte do grau de desenvolvimento tecnológico de determinada sociedade.

No mundo ficcional, as relações não diferem muito, uma vez que projetam o real. Ali, como aqui, o que se pode destacar, é a dor e as dificuldades dos acomodados em deslocar-se do “seu eu” e a viver o “eu do outro”, principalmente porque a alteridade – isto é, a consideração do ponto de vista do “outro”, o sair de si, principalmente quando se pertence à média burguesia, pode parecer assustador. No entanto, a literatura tem sido uma válvula de escape para muitos que enfrentaram ou enfrentam esse dilema.

Essa válvula, descoberta por vários escritores da geração de 45, caracterizou-se pela investigação profunda do “eu”, introspecção que revela certos hermetismos, uma nítida despreocupação com o enredo, com a trama, com a

diminuição da importância do espaço externo e a consequente valorização do espaço interior, das angústias e dos anseios existenciais. Percebem-se aí, ecos da Psicanálise, do Existencialismo e, inclusive, de certas variantes específicas de filosofias individualistas.

O experimentalismo dessa literatura, de modo geral, e de Lispector, em *A hora da estrela*, de modo específico, revela-se na existência de um público especializado, treinado para apreender tal tipo de texto. Esse público carrega uma cultura cosmopolita que lhe permite dialogar com os grupos culturalmente dominantes de qualquer lugar do mundo ou, ao menos, do mundo ocidentalizado. E retomando o regionalismo, rompe com a sua nuance política da Geração de 30 para voltar-se mais para uma universalização daquilo que era regional e particular.

Revelou-se uma Clarice Lispector que surpreendeu a crítica, por escrever, ainda muito jovem, e num primeiro romance, algo que fugia aos pressupostos estéticos vigentes naquela época e que, ao contrário daquela tendência, demonstrava uma preocupação com a geografia interior, partindo para uma introspecção, para um mergulho no mais íntimo do ser, rompendo com a narrativa tradicional. Em suas obras, o leitor não encontra personagens que se relacionam, mas apenas uma voz que fala e que deixa correr seu pensamento, seus sentimentos, suas reflexões, suas sensações, numa magia que parte do banal cotidiano, mas dele escapa, atingindo uma rara epifania.

Em sua obra *A hora da estrela*, a autora compôs toda uma sinfonia de temas na narrativa e nas suas entrelinhas. Pode-se encontrar aí tanto a denúncia da exploração e desumanidade do mundo urbano contra o migrante nordestino, quanto a revelação da dificuldade do migrante pobre para encontrar seu lugar na sociedade. Ao se enfatizar o caráter tofóbico nesta obra, buscou-se analisar a condição

subjetiva subjacente ao romance, uma vez que nele existe um esquema triádico de composição quanto às personagens: o autor interposto, representado por Rodrigo S.M. (alter ego da romancista); a personagem feminina, representada por Macabéa; e a escritora Clarice Lispector,

Também ela persona, em sua condição patética de escritora (culposa relativamente à moça nordestina), finge ou mente – mas sabendo que finge ou mente – para alcançar uma certa verdade humana acerca de si mesma e de outrem. A escritora se inventa ao inventar a personagem. Está diante dela como de si mesma. (NUNES, 1995, p. 169).

Alcançou-se uma tomada de consciência de que a verdade é um contato interior e inexplicável e a morte é uma fatalidade inexorável. Percebeu-se ainda, na expressão do “não-ser” de Macabéa, a representação do “não-ser” do Nordeste, ou seja, a marginalização social. Nesse sentido, o desfecho da narrativa demonstra que a protagonista foi esmagada literal e metaforicamente pela cidade grande. Assim, a presença da alagoana no Rio de Janeiro pode ser vista como uma alegoria dos dois Brasis: o Sul, urbano, cosmopolita, a considerar com indiferença o Nordeste da miséria, da carência, que merece ser ignorado, o que já havia sido sugerido nos subtítulos: “Ela que se arranje” e “Eu não posso fazer nada” (LISPECTOR, 1984, p. 29). Desse ponto de vista só resta à nordestina a “saída discreta pela porta dos fundos” (LISPECTOR, 1984, p. 29).

Seria, então, a própria Clarice quem busca uma saída no ato da escritura, pois não suportava “mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, me morreria simbolicamente todos os dias” (LISPECTOR, 1984, p. 41) e desabafa (através de Rodrigo S. M.): “Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. [...] Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e

não fui.” (LISPECTOR, 1984, p. 42). Assim, a tofília, e sua oposição, a tofobia, experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão, estão presentes tanto no mundo ficcional quanto no mundo real, do qual a ficção se abastece para gerar novos mundos, outros espaços, outras paisagens, lugares amenos, bucólicos ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFLEN, A. A. et al. **Geografia**. Curitiba: SEED, 2007.

ALMEIDA, A.; ANDRADE, D.; FIGUEIRA, F. C. **O nordestino na obra A hora da estrela**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-nordestino-na-obra-a-hora-da-estrela-818827.html>. Acesso em 15 ago. 2010.

ANDRADE, M. C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1996, p. 213-220.

ANTUNES, N. M. M. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, J. A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 125-141.

BACHELAR, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A poética do devaneio**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, M. J. S. **Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BASTOS, C. **Roteiro de leitura**. Disponível em: http://www.cpv.com.br/cpv_vestibulandos/dicas/livros/litobr5801.pdf. Acesso em 14 jun. 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CAMPEDELLI, S. Y.; ABDALA JUNIOR, B. **Literatura comentada**: Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**: conflitos culturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura. São Paulo, set, 1972.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 59-98.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

FLORIANI, D. **Conhecimento, meio ambiente & globalização**. Curitiba: Juruá, 2004.

FONSECA, L. C. **A tofobia em a hora da estrela**. In: Revista Água Viva: revista de estudos literários. Disponível em: www.red.unb.br/index.php/aguaviva/article/viewPDFInterstitial/3468/3024. Acesso em: 17/08/2011.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUIDIN, M. L. **Roteiro de leitura**: A hora da estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HAESBAERT, R. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contagem da população**. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem/conceitos.shtm. Acesso em 18 fev. 2010.

IANNI, O. **A sociedade global**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Record/Atalaya, 1984.

MARTINS, G. F. **As vigas de um heroísmo vago** – Três estudos sobre A maçã no escuro. São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

MITCHELL, A. S.; HEIDRICH, A. L. **Corredores ecológicos**: territórios e sociobiodiversidades. Disponível em: http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AnaStumpfMitchell.ED2V.pdf. Acesso em 11 fev. 2011.

MOURA, H. **O exílio e a morte simbólica no cinema e na literatura popular dos homens que viraram suco**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/moura-hudson-exilio-morte-simbolica.html>. Acesso em 02 ago. 2010.

NUNES, B. **O drama da linguagem**: Uma leitura de Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

O HOMEM que virou suco. Direção: João Batista de Andrade. Brasil: Assunção Fernandes e Raiz Produções Cinematográficas; Dinafilme / Embrafilme / CDI / Raiz Filmes, 1980. 1 dvd (90 min), son.

PEIXOTO, M. **Ficções apaixonadas**: gênero, narrativa e violência em Clarice Lispector. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

PICCHI, B. **A segunda leitura de Josué de Castro**. Disponível em: http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/texto_bruno_picchi.pdf. Acesso em 20 ago. 2010.

PORTELLA, E. O grito do silêncio. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SÁ, O. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, L. A. B. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1996.

_____. **Território e sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

TORRES, T. Z. **Práticas sociais, processos educativos e a transformação da realidade**: relato de uma experiência. Disponível em: http://www.unam.edu.ar/2008/educacion/trabajos/Eje%203/309%20-zavaglia_torres.pdf. Acesso em 10 fev. 2011.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VARGAS, I. **Território, identidade, paisagem e governança no pantanal Matogrossense**: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa. Curitiba: UFPR, 2006.